



UFES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE LICENCIATURA INDÍGENA- PROLIND
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA TUPINIKIM E GUARANI**

**JOBIANE DA SILVEIRA QUIEZZA
MAYRA PAULA PÊGO DOS SANTOS**

**NOITE CULTURAL TUPINIKIM: UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DOS
MUROS DA ESCOLA**

**ARACRUZ - ES
2022**

JOBIANE SILVEIRA QUIEZZA
MAYRA PAULA PÊGO DOS SANTOS

**NOITE CULTURAL TUPINIKIM: UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DOS
MUROS DA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
PROLIND como requisito para obtenção do título de
Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da
Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientador: Me. Jocelino Silveira Quiezza.

Co-orientador: Prof. Dr. Paulo de Tássio B. da Silva

**ARACRUZ - ES
2022**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
PROGRAMA DE LICENCIATURAS INDÍGENAS – PROLIND
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA TUPINIKIM E GUARANI

**NOITE CULTURAL TUPINIKIM: UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DOS
MUROS DA ESCOLA**

Autoras: Jobiane Silveira Quiezza
Mayra Paula Pêgo dos Santos

Banca avaliadora:

Prof. Me. Jocelino Silveira Quiezza.-
Orientador – SEMED Aracruz.

Pro. Dr. Paulo de Tássio B. da Silva
– Co-orientador – IEAR/UFF

Profa. Dr^a. Arlete M^a Pinheiro
Schubert - PMV

Profa. Dr^a Ozirlei Tereza Marcilino
CE/UFES

Paulo Henrique Vicente Oliveira –
Liderança Tupinikim

Helena Pereira Coutinho –
Liderança Tupinikim

ARACRUZ/ES

2022

Dedicamos esta pesquisa ao nosso povo Tupinikim, por sua luta e resistência, que em meio a todos os desafios tem se reinventado na manutenção das suas tradições e ancestralidade.

AGRADECIMENTOS

Somos imensamente gratas a Deus por ter nos capacitado, nos trazendo sabedoria, força nesse momento desafiador e cansativo de nossa trajetória acadêmica.

Agradecemos aos nossos familiares, companheiros e filhos por entenderem nossos momentos de ausência, por nos auxiliarem e incentivarem ao longo desses sete anos de curso, sempre nos encorajando nos momentos em que pensamos em desistir.

Agradecemos a todos professores da Licenciatura que fizeram parte desse processo de formação, e também toda a equipe de coordenação do curso.

Ao nosso professor orientador Jocelino Quiezza, que com seu curto tempo, em meio a suas demandas aceitou nos acompanhar nesse processo de finalização do curso.

Agradecemos ao professor Paulo de Tássio, que muito nos ajudou, dispondo parte do seu tempo para colaborar na co-orientação do trabalho.

Agradecemos aos que participaram da pesquisa, por se disponibilizarem a contribuir na geração de dados.

Agradecemos também às professoras indígenas Flávia Quiezza e Adriana Vitoriano, pelas contribuições. A todos os nossos colegas pelo incentivo e pela parceria nesta trajetória.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a Noite Cultural Tupinikim: Uma Educação para além dos muros da escola, tendo como objetivo geral: analisar o projeto Noite Cultural como dimensão pedagógica da Educação indígena Tupinikim na valorização, manutenção e fortalecimento cultural na aldeia de Caieiras Velha. E como objetivos específicos: a) Inventariar as atividades do Projeto Noites Culturais, como um registro pedagógico para escolas e comunidades indígenas; b) Conhecer a história do povo Tupinikim da aldeia de Caieiras Velha; e c) Investigar as atividades desenvolvidas no projeto Noites Culturais na Aldeia Caieiras Velha. Metodologicamente, nossa pesquisa está inserida na pesquisa-formação, que tem o(a) pesquisador(a) e o(a) pesquisado(a) como sujeitos da pesquisa, onde se constrói o conhecimento a partir das experiências vivenciadas, construindo juntos, elementos que possam contribuir para o fortalecimento e resistências culturais, nesse caso, do nosso povo Tupinikim. Realizamos pesquisas bibliográficas a partir de livros, revistas, teses, dissertações, sites, reportagens, além da pesquisa de campo, onde entrevistamos nossos líderes, outros membros da comunidade e visitantes. Com a pesquisa, identificamos que a Noite Cultural Tupinikim é um espaço pedagógico de aprendizagem e partilha cultural do nosso povo, podendo se somar ao princípio comunitário da Educação Escolar Indígena Tupinikim.

Palavras- chave: Noites Culturais. Povo Tupinikim. Educação Indígena. Educação Escolar Indígena.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como tema la Noche Cultural Tupinikim: Una Educación más allá de los muros de la escuela, con el objetivo general: analizar el proyecto Noche Cultural como dimensión pedagógica de la educación indígena Tupinikim en la valorización, mantenimiento y fortalecimiento cultural en la pueblo de Caieiras Velha. Y como objetivos específicos: a) Inventariar las actividades del Proyecto Noches Culturales como registro pedagógico para escuelas y comunidades indígenas; b) Conocer la historia del pueblo Tupinikim de la aldea de Caieiras Velha; y c) Investigar las actividades desarrolladas en el proyecto Noches Culturales en Aldeia Caieiras Velha. Metodológicamente, nuestra investigación se enmarca en la investigación-educación, que tiene al investigador y al investigado como sujetos de la investigación, donde se construye conocimiento a partir de las experiencias vividas, construyendo en conjunto, elementos que pueden contribuir al fortalecimiento y resistencia cultural, en este caso, de nuestro pueblo Tupinikim. Realizamos investigaciones bibliográficas a partir de libros, revistas, tesis, disertaciones, sitios web, informes, además de investigaciones de campo, donde entrevistamos a nuestros líderes, y demás miembros de la comunidad y visitantes. Con la investigación identificamos que la Noche Cultural Tupinikim es un espacio pedagógico de aprendizaje y de intercambio cultural de nuestro pueblo, pudiendo sumar al principio comunitario de Educación Escolar Indígena Tupinikim.

Palabras clave: Noches Culturales. Pueblo Tupinikim. Educación Indígena. Educación Escolar Indígena.

LISTA DE ABREVIATURAS DE SIGLAS

AITG – Associação Indígena Tupinikim e Guarani
AITCV – Associação Indígena Tupinikim Caieiras Velha
APECI - Associação de pescadores e catadores Indígena
ATL – Acampamento Terra Livre
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CMEII – Centro Municipal de Educação Infantil Indígena
CRAS – Centro Referência de Assistência Social
COFAVI – Companhia Ferro e Aço de Vitória
FUNAI – Fundação Nacional do Índio

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 10 |
| 1. ALINHAVOS DE MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS..... | 13 |
| 1.1 MEMORIAL DESCRITIVO JOBIANE SILVEIRA QUIZZA..... | 13 |
| 1.2 MEMORIAL DESCRITIVO MAYRA PAULA DOS SANTOS..... | 14 |
| 2 O POVO TUPINIKIM: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA..... | 16 |
| 2.1 A INDÚSTRIA E O TERRITÓRIO TUPINIKIM..... | 19 |
| 2.2 POVOS TUPINIKIM: LUTA PELO TERRITÓRIO..... | 21 |
| 2.3 POVO TUPINIKIM NA ALDEIA DE CAIEIRAS VELHA..... | 26 |
| 3 AS NOITES CULTURAIS: UMA PEDAGOGIA INTERCULTURAL TUPINIKIM NA ALDEIA DE CAIEIRAS VELHA..... | 29 |
| 3.1 COMO TUDO COMEÇOU..... | 29 |
| 3.2 AS NOITES CULTURAIS E SEUS ESPAÇOS DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA..... | 35 |
| 3.3 AS NOITES CULTURAIS E OS DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO ESOLAR INDÍGENA..... | 38 |
| 3.4 A NOITE CULTURAL COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO POLÍTICA COMUNITÁRIA..... | 40 |
| 3.5 A NOITE CULTURAL COMO UM LUGAR DE ENCONTRO DE CULTURA..... | 47 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 49 |
| REFERÊNCIAS | 51 |
| APÊNDICES..... | 52 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa aborda o processo de retomada e afirmação da identidade cultural do nosso Povo Tupinikim, da aldeia indígena de Caieiras Velha, povo este que passou por todo um processo histórico de colonização, tendo os seus direitos negados, sendo oprimidos e forçados a negar a própria cultura para poder sobreviver. O nosso território sofreu grandes mudanças com a chegada dos Europeus, sendo neste cenário de guerra, que começamos a sofrer as opressões, sendo forçados a viver uma realidade que não era nossa.

No meio de todo esse processo de colonização, durante a passagem dos portugueses em nossos territórios, os colonizadores tiveram a estratégia de se fazer uma educação escolar, com o intuito de catequizar e civilizar nós indígenas. Após cinco séculos de invasão e imposição, nós, povos indígenas, somamos forças na luta por uma educação que viesse atender nossos anseios em prol do fortalecimento de nossa identidade cultural, territorial e linguística. Uma educação que tivesse a voz da comunidade e que fosse construída de forma coletiva, valorizando os saberes tradicionais de cada povo, tanto o fortalecimento, a manutenção e a revitalização das nossas línguas etnoidentitárias, uma educação que fosse de fato específica, diferenciada, bilíngue e de qualidade.

O direito a uma educação escolar indígena específica, diferenciada, bilíngue e de qualidade ficou garantido com a promulgação da Constituição Federal de 1988, esta que é a Lei magna do país, onde nós, povos indígenas conseguimos garantir nos artigos 231 e 232, nossos direitos, seja de possuir um território, poder manifestar nossos usos e costumes, nossas línguas, etc. Foi a partir da Constituição de 1988, que tivemos o amparo para construirmos essa tão sonhada Educação Escolar Indígena.

Uma educação onde nós indígenas pudéssemos exercer nosso protagonismo, podendo atuar como professoras nas nossas comunidades, construindo assim, um espaço de afirmação da identidade étnica, valorizando os saberes ancestrais, trabalhando todo um contexto sociocultural do nosso povo. Segundo Baniwa (2006):

Viver a memória dos ancestrais significa projetar o futuro a partir das riquezas, dos valores, dos conhecimentos e das experiências do passado e do presente, para garantir uma vida melhor e mais abundante para todos os povos. Mas essa abundância de vida, buscada por todos os povos do mundo,

para os povos indígenas passa necessariamente pela manutenção dos seus modos próprios de viver, o que significa formas de organizar trabalhos, de dividir bens, de educar filhos, de contar histórias de vida, de praticar rituais e de tomar decisões sobre a vida coletiva. Dessa maneira, os povos indígenas não são seres ou sociedades do passado. São povos de hoje, que representam uma parcela significativa da população brasileira e que por sua diversidade cultural, territórios, conhecimentos e valores ajudaram a construir o Brasil. (BANIWA, 2006, p. 18).

Assim, a nossa pesquisa tem como foco a Noite Cultural, analisando como essa pode fortalecer a cultura, a ancestralidade e a identidade cultural do povo Tupinikim da aldeia de Caieiras Velha. Consideramos o projeto Noite Cultural como um espaço de ensino e aprendizagem da identidade Tupinikim, sendo um dos lugares importantes a partir do qual nosso povo constrói e transmite nossa cultura.

Somos indígenas Tupinikim da aldeia de Caieiras Velha, e para nós, desenvolver essa pesquisa acadêmica, trazendo para dentro dela a nossa própria história e toda luta de nosso povo é algo muito importante. É a partir dessa pesquisa que também temos a oportunidade de apresentar o projeto Noite Cultural, que é algo desenvolvido dentro da nossa comunidade, reafirmando com ele a nossa identidade, trazendo a manutenção e a valorização de todo contexto histórico do nosso povo.

A sabedoria do nosso povo, a luta pelo fortalecimento e reconhecimento cultural, o querer aprender um pouco mais sobre nossas origens, como eram as tradições no passado, são indagações que nos levam a escrever essa pesquisa. Falar da Noite Cultural é contar nossa história e nossa trajetória, é refletir todo um contexto histórico do nosso povo, que foi marcado por lutas, preconceitos e rejeições, sendo obrigados a negar nossa cultura, tradições e valores.

A pesquisa perseguiu o objetivo geral: analisar o projeto Noite Cultural como dimensão pedagógica da educação indígena Tupinikim na valorização, manutenção e fortalecimento cultural na aldeia de Caieira Velha. Somando-se ao objetivo geral, nos guiamos pelos objetivos específicos: a) Inventariar as atividades do Projeto Noites Culturais como um registro pedagógico para escolas e comunidades indígenas; b) Conhecer a história do povo Tupinikim da aldeia de Caieiras Velha; e c) Investigar as atividades desenvolvidas no projeto Noites Culturais na Aldeia Caieiras Velha.

Metodologicamente, nossa pesquisa está inserida na pesquisa-formação, que tem o(a) pesquisador(a) e o(a) pesquisado(a) como sujeitos da pesquisa, onde se constrói o conhecimento a partir das experiências vivenciadas, construindo juntos, elementos que possam contribuir para o fortalecimento e resistências culturais, nesse

caso, do nosso povo Tupinikim. Na medida em que pesquisamos, também somos partes da pesquisa, o que soma ao nosso processo de formação, onde adquirimos e partilhamos conhecimentos. Segundo Bragança e Oliveira (2011):

O desenvolvimento da investigação com aporte nas histórias de vida rompe a clássica separação entre investigador e participante da pesquisa, entre o que se considera “sujeito” e outro que é considerado como “objeto”. Na perspectiva que buscamos, entendemos que ambos são sujeitos do processo de conhecer, sujeitos que, com papéis diferenciados, se colocam em um movimento de pesquisa e de formação (BRAGANÇA, OLIVEIRA 2011, p 1383)

Realizamos pesquisas bibliográficas a partir de livros, revistas, teses, dissertações, sites, reportagens, além da pesquisa de campo, onde entrevistamos nossos líderes, e outros membros da comunidade e visitantes, que participam ou já participaram desse movimento, com o intuito de ouvir e conhecer quais visões têm sobre “A Noite Cultural Tupinikim” e quais as contribuições ela traz para a Educação Escolar Indígena Tupinikim e toda a comunidade.

O nosso texto está organizado em três capítulos, no primeiro, intitulado **“Alinhavos de memórias e vivências”**, trazemos nossas memórias biográficas. Em seguida temos o capítulo, **“O Povo Tupinikim: história e resistência”**, onde abordamos a história do nosso povo, problematizando questões de exploração dos nossos territórios, nossas lutas e resistências. O terceiro capítulo **“As Noites Culturais: uma pedagogia intercultural Tupinikim na Aldeia Caieiras Velha”** traz as experiências do projeto Noites Culturais, as entrevistas com os interlocutores e as problematizações com a Educação Escolar Indígena Tupinikim.

1. ALINHAVOS DE MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS

1.1. MEMORIAL DESCRITIVO JOBIANE SILVEIRA QUIEZZA

Meu nome é Jobiane Silveira Quiezza, nasci em 1991, tenho 31 anos. Irei contar um pouco sobre minha trajetória. Sou indígena pertencendo a etnia Tupinikim, moro na aldeia de Caieiras Velha, que fica localizada no estado do Espírito Santo, na região de Aracruz.

Sou filha de Job Candido da Silveira e Terezinha da Silveira Quiezza, nasci e cresci nessa aldeia, morava com meus pais e meus 5 irmãos, sendo eu a caçula. Posso afirmar que minha infância foi muito boa, pois onde morava tinha muito espaço para brincar. Sempre tive liberdade para aproveitar minha infância, nossas brincadeiras eram: cozinhadinha, jogar bola, esconde-esconde, subir em árvores, entre outras.

Na minha infância eu estudei na aldeia, na escola de Educação Infantil as professoras não eram indígenas, porém, respeitavam e valorizavam nossa cultura, no ensino fundamental só ia até a 5ª série, as aulas eram de segunda a sexta, as professoras eram indígenas e moravam na comunidade, não me recordo de ter tido professores não indígenas no ensino fundamental.

Quando fui para a 6ª série, fui estudar na escola estadual Primo Bitti, que fica bem próximo da aldeia, no bairro Coqueiral, lá estudei até o 3º ano do ensino médio. Confesso que não foi fácil estudar em uma outra escola fora da aldeia, num ambiente diferente da nossa realidade, o impacto foi grande, pois na escola eu tinha que estudar com outras pessoas que não eram indígenas, com isso sofremos um pouco de preconceito, pois sempre tinham alguns alunos que não gostava da gente, mas não eram todos, com o passar do tempo fui fazendo algumas amizades com pessoas que sabiam respeitar minha cultura.

Sempre fui bem ativa em relação aos movimentos que acontecia na minha comunidade, gostava de participar do grupo dos *kurumins*, (grupo de dança cultural). Geralmente essas apresentações aconteciam quando tinha visita na aldeia ou quando era época de festa. Nessas datas comemorativas nossa aldeia ficava bem movimentada, vinham pessoas de vários lugares prestigiarem a nossa cultura.

Depois que terminei o ensino médio, eu fiquei muito tempo sem estudar, com 21 anos me casei com Murilo e tive nosso filho que se chama Hiago.

No ano de 2013 fiz o processo seletivo da prefeitura e fui chamada para trabalhar na escola na função de cuidadora, cuidava de criança especial onde fiquei nessa função por dois anos. Em 2015 eu comecei a trabalhar na função de assistente de turno, trabalhei durante 5 anos. Durante esses 7 anos de serviços prestados na escola EMEFI Caieiras Velha, pude conhecer um pouco a realidade de como funciona uma escola e os desafios enfrentados.

Ainda no ano de 2015, tive a oportunidade de fazer uma prova na UFES e concorrer a uma vaga no curso de Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND), na verdade, a área da educação não era o que eu queria, mas para minha surpresa eu passei. Então, aproveitei a oportunidade e comecei a estudar. Já estamos chegando no final do curso, entramos na fase do TCC, o tema escolhido para ser abordado foi a Noite Cultural Tupinikim, que é um projeto que acontece na comunidade com o objetivo de fortalecer a cultura do nosso povo.

1.2 MEMORIAL DESCRITIVO MAYRA PAULA DOS SANTOS

Meu nome é Mayra Paula Pego dos Santos, nasci no dia 13 de dezembro de 1994, no Hospital São Camilo em Aracruz, tenho 26 anos, indígena Tupinikim da aldeia de Caieiras Velha, Aracruz -ES. Sou filha de Osmarlene Monteiro Pego e Paulo Gomes Marques, casada com Ricardo Pajehú, tenho dois filhos, Brenner e Miguel Ayuã.

Quando nasci meus pais não estavam morando na aldeia. Retornamos, definitivamente, quando eu estava para completar sete anos de idade, sempre moramos muito afastado, contudo, eu sempre gostei muito de participar das ações que aconteciam no pátio central da aldeia, fiz parte do grupo dos *kurumins* e dos guerreiros. Quando voltamos para nossa aldeia eu estava fazendo a última etapa da pré-escola, e já havia sido implantada nas aldeias a Educação Escolar Indígena diferenciada, onde estudei até o 9º ano, aqui na EMEFI Caieiras Velha. Como ainda não havia o Ensino Médio, fui estudar na sede do município, onde estudei do 1º ao 3º ano do ensino médio. Também fazia menor aprendiz, pelo fato de estudar e trabalhar na sede do município de Aracruz, eu chegava em casa bem tarde, e por morar

afastado, não estava ativa nas participações que sempre aconteciam no pátio da aldeia. Assim que terminei os estudos voltei a estar presente nos movimentos, participando dos momentos de apresentações de danças.

Após concluir o Ensino Médio não entrei para nenhum curso complementar, quando em 2015 surgiu a oportunidade de fazer o PROLIND. Então, aproveitei a oportunidade, fiz a prova, fui aprovada e estou cursando, confesso que antes do PROLIND nunca havia passado pela minha cabeça a ideia de trabalhar na área da educação.

Em 2019, por alguns meses, trabalhei como assistente de professor na EMEFI da aldeia de Caieiras Velha, Aracruz-ES. No ano de 2020 fiz o processo seletivo, porém, com a pandemia não fui chamada. Nesse ano de 2021 fui surpreendida ao ser chamada para atuar como professora no Centro Municipal de Ensino Infantil Indígena de Caieiras Velha e está sendo uma experiência nova e desafiadora, pois nunca atuei em sala de aula.

Com a pandemia da Covid-19, estar na sala de aula se torna ainda mais desafiador, pois os cuidados aumentam, o desafio de ter que preparar aulas mais elaboradas e atrativas que venham atender de fato as necessidades das crianças, para que estas possam desenvolver as habilidades necessárias para o seu processo de aprendizagem. Ainda vejo colegas de anos de profissão que falam que não tem sido muito fácil.

O tema que vamos abordar em nosso TCC é a Noite Cultural, que sem dúvidas é um tema maravilhoso, que irá nos ajudar a conhecer ainda mais sobre nós mesmos e nossa cultura.

2. O POVO TUPINIKIM: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA

Atualmente, existe no Espírito Santo duas etnias, os Tupinikim e os Guarani, distribuídos em 12 comunidades, sendo 7 aldeias Tupinikim e 5 Guarani, todos localizados no município de Aracruz. Nós os Tupinikim, já habitávamos o Estado do Espírito Santo antes da chegada dos Europeus, conforme dados históricos, nosso povo ocupava uma faixa de terra no litoral que ficava entre Camamu, no Sul da Bahia, onde atualmente há uma aldeia dos parentes Hã Hã Hãe, até a praia de Superagui no norte do Paraná (Quiezza, 2018).

Ao lermos a história, vemos que o nosso povo Tupinikim foi um dos primeiros a serem contactados em 1500, Prézia (1992) nos afirma que esse primeiro contato foi amigável, e podemos ver isso na carta de Pero Vaz de Caminha, onde há registro de várias trocas, idas e vindas entre portugueses e parentes indígenas. Todavia, percebemos que não foi tão amigável, no ano de 1535 o Brasil já havia estabelecido as capitanias hereditárias sobreposto ao nosso território, o que mostra a verdadeira intenção dos colonizadores.

Com a chegada dos Europeus, houve uma grande interferência em nosso modo de vida, sendo nossos ancestrais oprimidos, tendo o direito de exercer suas práticas culturais negado, pois o objetivo dos colonizadores era impor seu modo de vida, crenças, cultura, educação e sua própria língua, obrigando nossos ancestrais a trabalharem na construção de suas casas, na criação de animais, nos engenhos e etc., como nos afirma o parente Baniwa (2006):

De fato, a história é testemunha de que várias tragédias ocasionadas pelos colonizadores aconteceram na vida dos povos originários dessas terras: escravidão, guerras, doenças, massacres, genocídios, etnocídios e outros males que por pouco não eliminaram por completo os seus habitantes. Não que esses povos não conhecessem guerra, doença e outros males. A diferença é que nos anos da colonização portuguesa eles faziam parte de um projeto ambicioso de dominação cultural, econômica, política e militar do mundo, ou seja, um projeto político dos europeus, que os povos indígenas não conheciam e não podiam adivinhar qual fosse. Eles não eram capazes de entender a lógica das disputas territoriais como parte de um projeto político civilizatório, de caráter mundial e centralizador, uma vez que só conheciam as experiências dos conflitos territoriais intertribais e interlocais (BANIWA,2006, p. 17).

Durante as primícias da colonização no Espírito Santo, ocorreram várias lutas entre nós indígenas e os Portugueses, uma vez que nossos parentes não aceitavam

a forma que eram tratados, como escravos, sofrendo vários tipos de retaliações pelos colonizadores. Para resistir às colonizações os Tupinikim que habitavam próximo ao Rio São Mateus se juntaram aos Franceses, ajudando-os a carregarem os seus navios de Pau-brasil, por esses motivos sofreram grandes punições por meios de guerra. Ao longo do tempo, durante a segunda metade do século XVI, diante de todo esse cenário de destruição, escravidão e extermínio das aldeias, a população indígena foi reduzida numericamente. Vejamos o que diz Quiezza (2018):

Se nos atentarmos a conhecer a história do Brasil, nos esbarramos nas narrativas do descobrimento, que vem sendo repetidas vezes reproduzidas nos livros didáticos, nas revistas de conteúdos de história, geografia, ciência, etc. O fato é que a existência dos povos originários que viviam nesse território se torna invisível e essa se torna a versão predominante, omitindo a existência desse povo ou colocando eles em uma condição de não humanos, seres sem alma, indignos de direitos ou de reconhecimento. Foi esse o discurso do conquistador sobre esse povo que habitavam a costa brasileira no sec XVI (QUIEZZA, 2018, p. 14).

Os Jesuítas chegaram em meio ao processo de colonização no ano de 1549, com o objetivo de catequizar nossos parentes indígenas. E com ajuda dos parentes indígenas construíram as aldeias jesuíticas, onde moravam vários povos indígenas que falavam línguas diferentes.

No século XVI, os portugueses preocupados com a forma que os indígenas resistiam na capitania, tiveram a ideia de fazer aldeamentos na extensão de todo litoral. Foi durante esse período que os aldeamentos de Iriri, Reritiba, Vitória e Guarapari foram criados com os Tupinikim, um grupo oriundo dos Tupinambás, tendo migrado rumo ao sertão e litoral Sul (TEAO, 2008).

Nossos parentes foram forçados a deixar de praticar nossa cultura, a falar a nossa língua e diante dessa situação, no início do século XVII, perderam padrões culturais. Durante esse período a escola Jesuítica foi construída, sendo assim, os padres procuravam primeiro a aprender a língua dos nativos, para então ensinar aos indígenas a sua crença, seu modo de vida, e catequizá-los. Para Quiezza (2018):

Nenhum processo de colonização é feito sem gerar danos, afinal de contas esse processo é onde uma cultura se impõe sobre a outra, sufocando-a, fazendo com que o povo se integre á sociedade que se está criando. Tendo em vista que o Brasil era mais de milhões de indivíduos, vemos que não seria muito fácil este processo a menos que fosse provocada diversas guerras e caçadas aos nativos. E foi exatamente isso que aconteceu (QUIEZZA, 2018, p. 19).

Já no século XVII, os Tupinikim que estavam aldeados já não tinham mais sua prática cultural, seu modo de vida, uma vez que eles não estavam mais morando em suas aldeias, sendo obrigados a falar a língua geral e convertidos ao cristianismo.

Além de passar por todo esse processo de ter que negar nossa cultura, parar de falar nossa língua materna e ter que deixar suas aldeias, ainda no século XVII e no começo do século XIX, nossos parentes passaram a sofrer ataques dos Botocudos entre as áreas do rio Doce e Mucuri, nesse tempo os Botocudos eram considerados como uma ameaça ao projeto civilizatório colonial (TEAO, 2008).

Com todo esse processo de perseguição, invasão, destruição e genocídio, o embrenhar-se na mata foi uma forma de autodefesa e proteção, porém, ainda no século XX, pesquisadores ao adentrarem no Rio Piraquê-Açu se encontram com um grupo que eles vão chamar de Tupi-Guarani, e mais na frente em meio às matas eles puderam constatar a existência de várias comunidades, que somavam pelo menos 40 comunidades existentes aqui no município de Aracruz, sendo esses indígenas todos nossos parentes Tupinikim, povo o qual pertencemos.

Nossos antepassados sobreviveram se escondendo em meio às matas na região de Aracruz, tática que encontraram para resistir aos processos de imposição que sofriam por parte dos colonizadores, o fato é que eles sofreram muito com esse processo de colonização. Muitos Tupinikim se tornaram aprisionados pela cultura lusitana e tinham que morar nas aldeias Jesuíticas, como a que foi fundada no local conhecido hoje como distrito de Santa Cruz.

Para Quiezza (2018), Augusto Ruschi se destaca como um dos primeiros na atualidade, a pontuar a existência dos Tupinikim nessa região, como naturalista e pesquisador conhecia muito bem a área e as histórias que o povo contava e não estranhava a presença dos “caboclos” e dos remanescentes indígenas.

De acordo com relatos de Quiezza (2018), a região de Aracruz, no início do século XX, era tomada por pelo menos 40 comunidades indígenas do povo Tupinikim, porém, todos eram identificados como caboclos, pescadores, muitos ainda eram chamados de bugres, pois não aceitavam muito o contato. Há relatos na comunidade, que alguns moradores mais velhos, ainda por volta dos anos 80, falavam a língua dos antepassados, sendo essa a língua geral (com base no Tupi), que devido a proibição não foi repassada aos mais novos. É importante ressaltar aqui, que a língua falada

pelo nosso povo foi proibida desde o ano de 1757, ainda no século XVIII, pelo Marquês de Pombal.

Não há dúvidas que os povos Indígenas passaram a ter sua cultura, tradição e modo de vida afetado a partir do momento que tiveram contato com os Europeus, o impacto foi muito grande, uma vez que os indígenas foram forçados a abrir mão da sua cultura para se adaptar ao modo de vida Europeu, além de todas as imposições sofridas ao longo de mais de 500 anos. A verdade é que desde que o homem branco (europeu) chegou ao Brasil esta terra nunca mais foi a mesma, pois nós, povos indígenas, nunca tivemos a intenção de explorar as riquezas da terra pois sempre entendemos que a terra foi nos dada pelo Criador (Tupã) para nós cuidarmos dela e da mesma forma ela cuida da gente. Foi desta forma que vivíamos até a chegada dos exploradores. Homens afoitos em explorar e retirar do solo tudo que gera vida, acabando com a natureza, produzindo suas riquezas através da morte do próprio planeta. Percebemos isso com o passar dos anos e os avanços das tecnologias, seja com a implementação das indústrias e o aperfeiçoamento dos maquinários, tudo em prol do desenvolvimento econômico. Desenvolvimento este que polui todo o ambiente, gera doenças e empobrece a terra.

2.1 A INDÚSTRIA E O TERRITÓRIO TUPINIKIM

Foram muitos anos de luta e resistência, e um dos cenários que marcou o território Indígena Tupinikim, incluindo a aldeia de Caieiras Velhas, foi a chegada da Aracruz Celulose em 1967, trazendo o capitalismo para dentro das Terras Indígenas, e foi nesse período que nossos parentes começaram a manifestar seu direito sobre o território, a partir do momento que eles passam a perceber a invasão do nosso território nessa região.

Nossos parentes travaram um período de muita luta para garantir o seu território. Quiezza (2018) diz que os mais velhos relatavam que existia em meio às matas várias aldeias, pequenos grupos familiares, contudo, no ano de 1960 chegou um pessoal que falava que a partir daquela data tudo que estava ali lhes pertencia e que eles iriam derrubar toda a mata e plantar outra, sendo assim, os moradores teriam que sair.

Foram momentos de aflição e desespero para os indígenas, como afirma Quiezza (2018):

Os moradores de Caieiras Velha contam que eles chegavam com dois tratores esteiras D8, sendo um do lado do outro separados por uma corrente bem grossa, de mais de 10 metros, quando ia passando derrubavam todas as árvores, tirando dos indígenas todo o meio de subsistência pois até então viviam da caça, da pesca, da coleta de frutos silvestre, faziam pequenos roçados onde plantavam, abóbora d'água, batata doce, feijão de corda, banana, abacaxi, milho e principalmente aipim e mandioca, que são usados para fazer a farinha, o Rio Piraquê-açú, se destacava pela riqueza de marisco e peixes, bem como no sustento destas famílias e que hoje devido a impactos ambientais ocorrido no decorrer dos anos não tem mais condição de sustentar a comunidade, também faziam artefatos de forma artesanal e comercializavam na cidade vizinha (QUIEZZA, 2018, p.31-32).

Por volta de 1940, chega nas terras indígenas a empresa Companhia Ferro e Aço de Vitória (COFAVI), tendo permissão do governo estadual para exploração de 10.000 hectares de terra indígenas, tratando essas terras como se fosse terras devolutas, essas terras foram usadas para exploração de madeira e produção de carvão. Já nos anos de 1960, chega a empresa Aracruz Celulose, causando a derrubada das matas e trazendo vários prejuízos para nossos parentes, sendo assim, nosso povo teve que se adaptar a um novo formato, pois não tinha condições de continuar com suas práticas, para garantir sua subsistência. Foram muitos anos de luta pela terra, para garantir o reconhecimento do território, mas os povos indígenas mostraram toda sua força, não abrindo mão dos nossos direitos. Vejamos o que diz Quiezza (2018):

A luta pela terra durou de 17 de maio de 2005 a 05 de novembro de 2010. Foram muitas discussões e processos de retomadas, paralizações, viagens das lideranças a Brasília, inúmeras reuniões com o Ministério Público, Sexta Câmara, FUNAI, Ministério da Justiça. Também houve ataques por parte da Polícia Federal em parceria com a empresa em um processo de reintegração de posse em janeiro de 2006, quando as aldeias Olho D'água e Córrego do Ouro (Aldeias construídas nas áreas de retomadas) foram invadidas pelas máquinas, derrubando todas as construções e expulsando os moradores, além de atacar as lideranças e membros das comunidades com tiros de borracha e bombas de efeito moral, perseguição com helicóptero. (QUIEZZA, 2018, p.38).

Vejo o quanto o povo tem uma força inabalável, os nossos antepassados lutaram muito e sofreram bastante para garantir o que temos hoje, e podemos perceber em meio à história, que os nossos representantes de hoje se espelham nos parentes guerreiros que já se foram e assim continuam lutando para que nós,

enquanto indígenas, continuemos preservando nossas praticas, buscando aquilo que consideramos importante para nosso povo, garantindo assim nossa existência. Foram vários conflitos vivenciados pelos nossos parentes Tupinikim, tais situações que tiravam o direto do nosso povo de viver sua própria cultura, e, apesar de passar por todo esses processos de transformação/mudança cultural, de sermos forçados a negar a identidade. Nós, povos indígenas, conseguimos com muita luta garantir nosso espaço, nossos territórios, podendo assim, se apropriar do modo de vida, mostrando nossa relação com a natureza. Cabe ressaltar, que foi a partir da Constituição de 1988 que passamos a ter esses direitos assegurados em leis, nos artigos 231 e 232 da Constituição Federal, esta que é a maior Lei de nosso país.

Atualmente, a comunidade de Caieiras Velha passa por um processo de reconstrução e afirmação, buscando valorizar as práticas culturais, revitalizando nossa língua Tupi e fortalecendo nosso modo de vida, enraizando nossa identidade.

2.2 POVOS TUPINIKIM: LUTA PELO TERRITÓRIO

Para falarmos sobre território do povo Tupinikim no estado do Espírito Santo, primeiro vamos entender sua localização.



Fonte: Quiezza (2018)

O Espírito Santo é um dos menores estados, localizado na Região Sudeste do país, banhado pelo oceano Atlântico, e está dividido em zona Central, Norte e Sul, conforme vemos em amarelo no mapa acima.

A colonização no estado se iniciou em 1535 com a chegada de colonizadores chefiados por Vasco Coutinho, inicialmente o estado foi chamado de vila do Espírito Santo, onde havia muita plantação de milho, ali surgiu o termo capixaba, originário da palavra em tupi-Guarani Kapi'xawa. Acerca deste ponto, Teao e Loureiro (2010), pontuam:

A costa do que hoje denominamos Estados do Espírito Santo foi reconhecida por navegadores portugueses em 1501. A colonização no Estado teve início em 23 de maio de 1535 com a chegada dos colonizadores portugueses, chefiados pelo donatário Vasco Fernandes Coutinho. Desembarcaram da Nau Glória na região da Prainha próxima onde hoje está situado o 38º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro (em Vila Velha). Nesse local foi fundado o primeiro núcleo de povoamento. Como era oitava de Pentecostes, o donatário batizou a terra de Vila do Espírito Santo, em homenagem a terceira pessoa da Santíssima Trindade (hoje conhecida como Vila Velha, uma das cidades mais antigas do Brasil, com 473 anos de existência) (TEAO e LOUREIRO, 2010, p. 33).

Sentindo ameaçados pelos Portugueses, os indígenas começaram a atacá-los, fazendo com que eles se retirassem do lugar onde estavam e fundar outra vila, e ainda assim, eles continuavam a ser atacados pelos nossos parentes indígenas que, por sua vez, mesmo estando em grande quantidade, foram expulsos dos nossos territórios. Após a expulsão, batizaram a ilha de Vila Nova do Espírito Santo, atual Vitória.

Por séculos, os Portugueses não conseguiram adentrar o território do Estado, mantendo assim, sua maior parte coberta pela Mata Atlântica, ressaltando que apesar do Litoral ser ocupado por aldeias Jesuíticas, não era numa grande proporção.

No início do século XX, o norte do Estado era ocupado apenas na região litorânea; os povos indígenas que ali habitavam eram os Tupinambá, Tupinikim e os Temiminós, que foram em sua maioria dizimados, tendo sua cultura rapidamente alterada. Vejamos o que diz Teao e Loureiro (2010):

Em linhas gerais, é possível afirmar que, até a primeira metade do século XX os Tupinikim viveram nas áreas menos povoadas do território indígena, demarcado pela Coroa em 1760. Habitavam a região que circunda o atual

município de Aracruz onde, na época, as matas e floresta permitiam-lhes viver da pesca, da caça, da coleta de frutos e da agricultura de excedentes. (TEAO E LOUREIRO, 2010, p.47)

Foi em 1920 que este cenário de povoação começou a mudar, causada pela forma de plantio, o crescimento da população, e também a construção da ponte que passa sobre o Rio Doce, no ano de 1928, foram os fatores principais para que os povos do norte do Estado fossem colonizados.

Após as invasões, que se deram desde o início da colonização, as terras indígenas do litoral do Estado foram de forma ilegal passadas para o poder Público como terras devolutas, tendo como consequência o aumento de expulsão/miscigenação dos indígenas do seu próprio território, tendo seus direitos totalmente negados.

No distrito de Santa Cruz (antiga aldeia Velha), no município de Aracruz, vivia um povo indígena, que foi identificado apenas 30 anos após a colonização, como descendentes do antigo Tupinikim. As mudanças no território continuavam acontecendo devido a quantidade de trabalhadores que vieram para trabalhar na Companhia de ferro e aço de Vitória (COFAVI) e logo após também na Aracruz Florestal.

Teao e Loureiro (2010) vão dizer que as aldeias eram constituídas em formas de ruas, e em Caieiras Velha havia um pátio largo, onde uma pequena capela secular fechava a área. As casas eram de pau-a-pique e sapê, cercadas por mato ou capoeira, utilizados na medida da necessidade. Com frequência, os Tupinikim mudavam de casa e roçado, seja pela realização de um casamento, seja em busca de melhores condições de sobrevivência. As casas e os roçados podiam ser feitos em qualquer lugar. Todavia, existiam regras de acesso à terra, não sendo permitido cercá-la ou detê-la exclusivamente. Havia uma posse comunal da terra, pois os cultivos em extensões podiam ser utilizados por todos os grupos familiares. Existiam ainda os domínios de caráter comunal – matas, rios, fontes, dentre outros.

Hoje em dia, nós Tupinikim, habitamos no município de Aracruz, distante da capital do Estado (Vitória), estando o povo dividido por aldeias, esse território onde estão localizadas as aldeias foi local de muitas lutas, manifestações, inclusive derramamento de sangue.



Durante anos o nosso povo Tupinikim travou grandes batalhas relacionadas ao território, principalmente com a chegada das empresas, uma em específico, a Aracruz Celulose, empresa a qual nós indígenas moradores do seu redor nos sentíamos prejudicados pela forma a qual usavam o território, ocupando espaço e alegando as terras como suas. Diante desses acontecimentos, tivemos nossas áreas reduzidas e com isso ficamos sem terra para plantar e sem nossa floresta, onde praticávamos a caça que era um meio de subsistência do nosso Povo Tupinikim, foi um tempo muito doloroso onde podíamos ver toda nossa cultura, modo de vida se perdendo ao longo dessa invasão.



Em uma entrevista com a liderança Roberto Carlos Felipe Marques, ele falou um pouco como foi a luta pela terra, os desafios, a forma como se organizaram e a importância do território:

No meu ponto de vista o território ele é nosso meio de sobrevivência, como os mais velhos falam, é a nossa mãe terra, de onde tiramos nossos alimentos, criamos nossos filhos, por isso o território é importante pra mim, é a nossa vida como um todo. Quando que tivemos que passar pela demarcação da terra, os maiores desafios foi conhecer todo o processo da autodemarcação, do limite do território, pois os mais antigos não tinham nada que comprovassem em documentos, isso num processo interno, mais externo sabíamos que tinha bastante documentos comprovando que as terras eram nossas, foi um desafio tirar dos anciões a história de uma terra de posse nossa doada e demarcada por D. Pedro II (seis maria de terra), território que foi escriturado em registro no Museu do índio. A forma que nos organizamos para lutar pela nossa terra, foi através de roda de conversa, passando nas casas conversando com as famílias sobre a importância da retomada do território, nas rodas de congos agente aproveitava para traçar as estratégias para a retomada das terras, esse trabalho foi realizado de forma coletiva, pois a coletividade sempre fez parte no desenvolvimento da comunidade, tanto na subsistência do povo e na demarcação territorial, e o objetivo era manter o

foco em conquistar o território em benefícios de todos (Entrevista realizada e cedida por Osvaldina e Angélica Pêgo).

Nossa luta pelo território durou pelo menos 43 anos e em 10 de outubro de 2010, o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, assinou o termo de homologação da TI Tupinikim e TI Tupinikim Comboios, garantindo assim o direito de uso-fruto deste território. Hoje, por mais que tenhamos a homologação das nossas terras, ainda há muitos obstáculos a serem enfrentados a cerca dessa temática, principalmente no que tange a gestão territorial.

2.3 POVO TUPINIKIM NA ALDEIA DE CAIEIRAS VELHA

A aldeia de Caieiras Velha, está localizada no município de Aracruz, Estado do Espírito Santo, a mesma fica a pelo menos 17km da Sede do Município, a cidade Aracruz, e próximo ao bairro Coqueiral. Caieiras Velha é uma das aldeias Tupinikim que recebe um impacto direto no que diz respeito ao dito desenvolvimento, pois possui uma Rodovia estadual que corta a comunidade ao meio, ligando o bairro Coqueiral, bem como as comunidades circunvizinhas e sede do Município.

Caieiras Velha é a maior aldeia da região, contendo cerca de 1.768 habitantes aproximadamente. Nossas casas são feitas de alvenaria, tendo em vista a falta de matéria prima para as construções nos moldes tradicionais, pois com as derrubadas das matas para o plantio de eucalipto nos anos 60, desde então, muitas coisas mudaram, como por exemplo: o modo de vida que é impossível mantê-lo como antigamente.

Nossos avós e pais, falam que antigamente quando se tinha muitas matas, córregos e rios, se vivia da caça, da pesca, da coleta de frutos do mato, da venda do artesanato e dos mariscos, como a ostra, ameixa, sururu, caranguejo, etc.

As casas eram feitas de barro e cobertas com palhas de coco naiá, casas estas que ainda são encontradas na aldeia, porém, em números bem reduzidos, isso devido as derrubadas das matas. Essa prática fez com que a matéria prima fosse acabando, e nosso povo se viu obrigado a se reinventar, tendo que se adaptar a uma nova realidade totalmente diferente das suas.

O Rio Piraquê- Açú era onde nosso povo pescava e coletava mariscos para o próprio sustento e de toda sua família, hoje já não pode mais ser utilizado devido a

poluição, ocasionado pelo crime ambiental de Mariana/MG, ocorrido em 2015. Este que foi considerado o maior desastre, leia-se crime, ambiental do planeta, pois atingiu 37 municípios nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, contudo, estes rejeitos de minérios, somando pelo menos 50 milhões de metros cúbicos, desceram pelo Rio Doce, chegando ao oceano Atlântico e com as correntes marinhas, alcançaram a foz do Piraque-Açú, este que é o maior estuário do Espírito Santo, causando graves danos para nosso rio, e para toda comunidade, prejuízos estes que trouxe um grande impacto para a prática cultural do nosso povo, uma vez que hoje o rio ele se encontra impróprio para uso.

O nosso povo vivia do extrativismo, ou seja, sempre dependeu dos recursos naturais para a manutenção da família/comunidade, contudo, devido os grandes impactos sofridos ao longo de sua história, o cultivo/ agricultura, a criação de animais foram introduzidas no nosso meio como forma de garantia da sustentabilidade e segurança alimentar, motivo este que hoje muitos são agricultores, alguns produzem para o seu próprio sustento e outros chegam a comercializar seus produtos como forma de geração de renda para a família.

Na comunidade há algumas instituições, que junto com o cacique e as lideranças, trabalham para as melhorias da comunidade e também para garantir nossos direitos estabelecidos em leis internas e externas. Temos o Centro Referência de Assistência Social (CRAS), uma unidade de Saúde onde a maior parte dos colaboradores são indígenas, a Associação Indígena Tupinikim e Guarani (AITG), a Associação Indígena Tupinikim Caieiras Velhas (AITCV), o Instituto Indígena Cocar, a Associação de pescadores e catadores indígena (APECI), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), temos 4 igrejas (Assembleia de Deus, Católica, Deus é Amor e Missão Evangélica Tupã Oka), há três mercearias, duas padarias, três campos de futebol, e ainda tem as pessoas que trabalham de manicure, cabeleireira, vendedor de roupa dentre outras coisas.

Temos uma escola de Ensino médio, uma de Ensino fundamental e um Centro de Educação Infantil, que são as instituições onde acontecem o ensino e a aprendizagem escolar das nossas crianças, tendo o direito de receber um ensino específico e diferenciado voltado para fortalecimento da nossa identidade cultural, além de potencializar o processo de revitalização da língua Tupi, disciplina esta que fora inserida na matriz curricular desta escola desde o ano de 2005.

As escolas são uma ponte de apoio para que as famílias da comunidade venham se envolver muito mais com práticas culturais ancestrais do nosso povo, passando a entender que esse envolvimento cultural tem que se tornar natural dentro das suas casas, pois isso assegura a manutenção e a continuidade das nossas histórias enquanto povo tradicional indígena.

Na comunidade sempre houve a prática de se juntar para fazer rodas de conversa, as famílias cantavam e dançavam ao som dos tambores e das casacas, e várias histórias eram compartilhadas, porém, essas práticas aconteciam muitas das vezes em datas que eram consideradas importantes, voltada para o sincretismo religioso, onde as rodas eram voltadas para São Benedito, Santa Catarina, São Sebastião, Folia de Reis, sendo usada para homenagear Santos. Contudo, como tudo em nossa volta passou por um processo de mudanças, as formas do uso dos tambores também têm mudado, após a morte do capitão de congo e também pajé da aldeia, o senhor Alexandre Sezenando, por um bom tempo já não se ouvia os batidos dos tambores e os repiques das casacas, sendo somente nos dias de festa do dia do índio. O capitão Alexandre, ainda em vida passou a responsabilidade da banda de congo da comunidade a seu filho, o Senhor Olindo Sezenando, atual capitão da banda de congo.

Entendendo que nossa cultura está em constante mudança, principalmente pelos impactos e imposições sofridos ao longo dos anos, também vimos muitas perdas de práticas tradicionais, o que acaba nos desconectando do nosso ser ancestral e foram estas inquietações que potencializou a ideia de se desenvolver um projeto que buscasse envolver toda a comunidade, objetivando fortalecer a identidade cultural de nosso povo, seja resgatando práticas tradicionais, vivências, memórias, cantigas, danças e histórias, nos moldes de como acontecia antigamente. Desta forma, apresentamos no próximo capítulo o Projeto Noite Cultural Tupinikim.

3. AS NOITES CULTURAIS: UMA PEDAGOGIA INTERCULTURAL TUPINIKIM NA ALDEIA CAIEIRAS VELHA

3.1 COMO TUDO COMEÇOU...

A Noite cultural começou no dia 09 de agosto de 2017, a partir de uma conversa entre os jovens guerreiros com os mestres de cultura da nossa comunidade, sendo Dona Helena Coutinho, Dona Helena Sezenando e o Capitão do congo Sr. Olindo Sezenando. Nessa conversa, os mestres falaram para os jovens que eles iriam morrer como muitos que já se foram, e que, se eles morressem sem passar o conhecimento, os mais novos não iriam mais aprender a fazer da forma dos antigos, e que se entristeciam com a falta de interesse dos mais novos e dos próprios pais que não estavam mais incentivando os filhos a participarem de uma roda de tambores, seja cantando, tocando ou dançando.



(Foto da 1ª conversa dos Jovens Guerreiros com o Mestre Olindo e mestra Helena Coutinho sobre a importância dos mais velhos e de manter a cultura ancestral viva) – Acervo Jocelino Quiezza

Foi através dessa conversa que os jovens entenderam a importância de se aprender com os mais velhos a cultura ancestral para assim poder dar continuidade nessa tradição e não deixar nossas práticas tradicionais morrerem, pois quando morre um sábio, morre com ele toda uma história e suas sabedorias. Foi nesse dia que eles

tiveram a ideia de se ajuntar para fazer um movimento no pátio central da aldeia com muitas danças, cantos tradicionais, exposições e rodas de conversas, assim nasceu o que hoje está sendo chamada de “Noites Culturais Tupinikim”, um movimento para poder retomar as atividades tradicionais do povo, buscando valorizar os sábios, as lideranças e os anciãos da comunidade, fortalecendo como eram os encontros que aconteciam no passado.

As comunidades indígenas de Irajá, Pau Brasil e Comboios, vendo a importância das atividades realizadas nas Noites Culturais, também começaram a realizar estes encontros como forma de fomentar e potencializar a cultura ancestral. Schubert (2021) diz que:

As Noites Culturais apresentam-se assim, para além do objetivo de reunir as famílias das aldeias para conversar, bater tambor, dançar, contar e ouvir histórias dos mais velhos, oferecer comidas tradicionais para degustar, entre outros. O movimento ampliou-se e fomentou o surgimento de novos grupos culturais e envolveu sucessivamente as demais aldeias (SCHUBERT, 2021, p. 245).



Foto 1 – Noite cultural na aldeia de Pau Brasil

Foto 2 – Noite Cultural na aldeia de Comboios

Foto 3 – Noite Cultural na Aldeia de Irajá, acervo de Jocelino Quiezza

É neste contexto que também surge o grupo de mulheres guerreiras, estas que assume os seus próprios corpos, na compreensão do belo, da guerreira, da força da mulher e do seu lugar como protagonista na luta pela continuidade da tradição ancestral de seu povo. Mulheres que fazem ecoar aos sons dos tambores e casacas seus gritos de manifestação e resistência.



Grupo de mulheres Guerreiras Tupinikim, Fotos de PH fotos acervo de Jocelino Queizza

Vejamos o que diz ka'arondara (2021) em um dia de apresentação do grupo de mulheres:

O grupo de mulheres guerreiras como sempre abrilhantaram o evento, não tinha um que não olhasse para elas sem admirá-las, suas belas pinturas, e adornos enfeitavam todo o corpo imprimindo em si a força desta tradição, como se não bastasse a força da imagem registradas em nossas memórias, ao soar dos tambores ecoou como se em uma só voz um canto de força que dizia: “ Guerreiras o que estamos fazendo aqui? Viemos manifestar e vamos resistir! Somos Tupinikim e lutamos até o fim! (KA'ARONDARA, 2021, p.2).



Imagem do 1º cartaz de chamamento da Noite Cultural Tupinikim. Acervo de Jocelino Queizza.

Em conversa com a liderança Paulo Tupinikim, ele nos aponta que a Noite Cultural não é algo novo:

A noite cultural não é algo novo, ela já acontecia em outros formatos, às vezes a gente tinha as rodas de conversas, rodas de congo com o pajé Alexandre, às vezes acontecia as festas comemorativas, seja as festas de comemoração da resistência indígena, ou seja nas festas comemorativas das datas que tinha de santo, tipo Santo Antônio, São Benedito, Santa Catarina, é nesses momentos que acostumava juntar as pessoas para poder fazer essas festividades, mas não era uma noite cultural propriamente dita igual a gente tem hoje, esse formato de noite cultural [...] ele é tipo um modelo que traz um pouco daquela cultura que tinha antigamente, porém, ele é também um momento de confraternização, por que a gente vê lá a mesa de frutas, de comidas aonde a comunidade pode estar ali, se interagir um com o outro, pode conversar, dialogar se descontrair naquele momento [...]



Aldeia Caieira Velhas, 1979



Cumprimento de Casacas

Imagens de print de um vídeo feito por Andrea Tonacci na aldeia de Caieiras Velha em 1979 – Acervo Jocelino Quiezza

Nestes encontros, nosso povo tem a oportunidade de aprender os cantos tradicionais, as histórias, as danças, e ainda tem a oportunidade de participar de discursões de várias temáticas sejam elas relacionadas ao passado, ou temas atuais e futuros. Vejamos o que diz Ka'arondara (2021):

Os nossos cantos, as nossas danças narram, as nossas histórias e trajetórias, sejam elas de lutas, romances, saudade, plantios, pescaria, caçadas. Nossas batidas de tambores nas noites de lua cheia, ecoa por toda aldeia como um sopro que sussurra aos nossos ouvidos como um chamado, pulsando em nós a nossa ancestralidade enquanto povo Tupinikim. A cada batida pulsa em nós a força de um povo que grita e agradece ao criador por permanecer resistindo e existindo. Os sons que nos impulsiona a cantar e a dançar as nossas danças de guerra, de luta, de resistência, dança esta que a cada batida dos pés no chão nos faz rememorar a força da nossa tradição, do nosso pertencimento, sem nos deixar cair no esquecimento, fortalecendo a cada ecoar a nossa ancestralidade, como pertencente da grande Nação Tupinikim (KA' ARONDARA,2021, p.3).

No primeiro dia da noite cultural aconteceu exposições de fotos, documentários e vídeos, onde narram a história do nosso povo, falas das lideranças indígenas e o cacique, representantes da nossa comunidade. Teve apresentação do grupo dos guerreiros, dos curumins, momentos de muita emoção e de entrega, onde todos nós indígena e visitantes pudemos participar desse momento de muita importância para nosso povo.



Imagens da 1ª Noite Cultural Tupinikim na Aldeia Indígena de Caieiras Velha. Acervo Jocelino Quiezza

Enquanto a noite cultural acontecia no pátio central da comunidade, na cabana era realizada uma feira de artesanatos indígenas, onde tinha colares, brincos, anéis, cocar, e outros objetos sendo vendidos, o que ajuda a potencializar a economia local

e serve de incentivo a outros fazedores/artesãos a participarem deste momento. Vejamos o que Schubert tem a dizer sobre o Noite Cultural:

A Noite Cultural constitui, assim momentos de afetos e reflexões, como um “chamamento” para reposicionarem-se em um território, uma geografia, uma cartografia, onde as matas, as águas e os bichos possuem um igual valor e importância para que a vida se equilibre na terra.

Elas e eles são sabedores de que não é suficiente “querer”, por isso eles insistem em tentativas de práticas de “bom governo” e do “bem viver” com gestos micropolíticos entre o conhecimento corporal e as suas subjetividades. De fato, eles se auto aprovam e se auto validam culturalmente, primeiro para eles-próprios, e depois para as comunidades do entorno, ao cartografarem belezas em seus corpos (SCHUBERT, 2021, p. 253,254).



Foto 1. Exposição de fotografias e artesanatos no interior da Cabana no momento da Noite Cultural, foto 2- Feira de Artesanato– Acervo Jocelino Quiezza

É importante ressaltar que o Projeto Noite Cultural Tupinikim a partir do ano de 2018 foi inscrito para o Edital de culturas populares da Secretaria Estadual de Cultura (SECULT-ES), sendo aprovado para ser executado no ano de 2019, com a aprovação não foi somente possível realizar as atividades noturnas, mas também adquirir novos instrumentos e trajes para os grupos tradicionais da comunidade, ainda com o recurso do prêmio, foi possível realizar oficinas de danças tradicionais, confecção de artesanatos e instrumentos musicais. Toda essa organização vem sendo desenvolvida com o apoio das organizações locais como: Instituto Indígena COCAR, Missão Evangélica Tupã Oka, Associação Indígena Tupinikim de Caieiras Velha (AITCV), Associação Indígena Tupinikim e Guarani (AITG), Grupo de Jovens Guerreiros e Banda de Congo da comunidade de Caieiras Velhas.

São nas Noites Culturais que percebemos cada vez mais a importância e a força da nossa cultura tradicional e dessa forma vemos a necessidade de mantermos

vivo este movimento dentro da comunidade, com o intuito de manter esse fortalecimento cultural de forma contínua, pois assim, conseguiremos sustentar por longos anos nossa identidade Cultural tradicional ativa na memória dos nossos mais novos.

3.2 AS NOITES CULTURAIS E SEUS ESPAÇOS DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

O nosso povo, assim como todos os povos indígenas do país, possui uma organização política própria dentro do nosso território, que está assegurado pela Constituição Federal de 1988 no seu artigo 232. Vale ressaltar que na nossa comunidade temos cacique e lideranças, estes, que são os grandes responsáveis por auxiliar o nosso povo nas decisões, sejam elas de plantios, de festa, de lutas, manifestações, participações, etc. Estes representantes participam e buscam assistir a comunidade em suas necessidades. A Noite Cultural ao longo destes anos vem se constituindo também como um espaço de organização política, isso pelo fato desta ser um lugar de diálogo com a comunidade, e isso é expressado em diversas linguagens, sejam pelas manifestações das danças, na representação teatral, numa brincadeira, em uma exposição fotográfica, cartazes, jogos, mas também por meio das falas das lideranças, sábios, anciãos, educadores indígenas, líderes de governo, líderes institucionais da comunidade ou de outros espaços.



Foto 1 e 2 – Roda de Conversa com a liderança Paulo Pyatã, falando sobre a retomada da terra e os impactos da PEC 215

Foto 3 – Roda de conversa com Universitários Tupinikim, falando sobre os desafios de indígena estando em uma Universidade Federal – Racismo e Preconceitos

Foto 4 – Posse do Cacique José Sezenando na sucessão do Cacique Fabiano em 2021

Acervo Jocelino Quiezza

Tudo isso só é possível devido a dinâmica estabelecida pelos organizadores das Noites Culturais, pois estão sempre aproveitando os temas em destaques na comunidade, os mais debatidos nos grupos de *WhatsApp* e redes sociais para colocá-los em evidência, isso sempre tomando o cuidado de escolherem as pessoas certas para desenvolver um bom diálogo com o público, pois como a Noite Cultural é aberta, muitas pessoas que não são da comunidade acabam participando.

Para ilustrar melhor este cenário, tivemos noites culturais cujo o tema abordado foi a participação do Povo Tupinikim no Acampamento Terra Livre (ATL), sendo a maior assembleia de povos indígenas do Brasil, também tivemos noites culturais totalmente voltadas para a posse de um novo Cacique, onde a comunidade se reuniu juntamente com as lideranças, afim de receber o novo cacicado que representará a comunidade.

Também Noite Cultural envolvendo a equipe de Saúde indígena na abordagem do Setembro Amarelo e outros, Noite culturais juntamente com a Educação Escolar Indígena, principalmente com o CMEEI Caieiras Velha no fechamento do Projeto Samburá Literário, noite cultural com encontros interculturais, tendo a participação de grupos tradicionais italianos do município de Aracruz e grupos tradicionais Pomeranos de Santa Maria do Jetibá e muitas outras temáticas abordadas ao longo destes 5 anos.

A organização política é todo tipo de organização que envolve os processos políticos, sendo governamentais ou não. Sendo assim, é importante falar que a aldeia de Caieiras Velha tem sua organização tradicional e também política. Para se ter uma organização dentro da aldeia é preciso que se tenha os representantes, cacique, vice cacique e lideranças, cada um com sua função e sua importância, sendo respeitado e aceito por todos da comunidade. Normalmente, quem tem interesse de ser cacique tem a oportunidade de colocar o nome para concorrer a vaga e é por meio de votação secreta que esse representante é escolhido para liderar a comunidade, o cacique tem o direito de escolher um vice cacique, para esse representar a comunidade e

responder por ele, quando o mesmo não estiver presente, já as lideranças são as pessoas que irão acompanhar e realizar os trabalhos juntamente com o cacique, e outros trabalhos delegados por ele, as lideranças são escolhidas pelo cacique e toda a comunidade em reunião comunitária, onde é observado o perfil e o compromisso comunitário destes.

É dentro desse cenário de representatividade que as questões internas e de interesse do nosso povo são discutidas e as funções são distribuídas, onde as lideranças podem ficar responsáveis em atender questões específicas como: saúde, educação, agricultura e junto com o cacique atender algumas ocorrências que acontecem dentro da aldeia.

O cacique é o representante da aldeia, mas todas as questões que precisam de uma decisão ele leva para uma reunião de comunidade para que junto do seu povo, a melhor decisão seja tomada.

Organização indígena é a forma pela qual uma comunidade ou povo indígena organiza seus trabalhos, sua luta e sua vida coletiva. Sendo assim, toda comunidade indígena possui sua organização ou organizações. Ela é como tal uma organização social própria. A existência de organização é uma necessidade coletiva, uma vez que a convivência só é possível com um mínimo de ordenação interna em que haja definição de objetivos, metas, estratégias e ações a serem desenvolvida coletivamente, além da distribuição de tarefas e responsabilidades. O cacique, o tuxaua, o líder, o pajé, o professor, o agente de saúde, o pai de família e outros agentes e membros comunitários fazem parte da organização interna de uma comunidade indígena, na medida em cada um possui sua função e responsabilidade bem definidas, conhecidas e controladas por todos. Os povos indígenas, por serem sociedades fundamentalmente guiadas por princípios de direitos coletivos, são constituídos por organizações sociais complexas, na sua grande maioria não-formais, não-escritas, mas que operam como referência para a vida individual e grupal (BANIWA, 2006, p.61-62).

Além da organização, partindo de caciques e lideranças, a comunidade também é composta por outras organizações indígenas, que possuem funções dentro da aldeia, que são muito importantes para a vida coletiva da comunidade, sendo esses os educadores e gestores que compõem a educação escolar indígena, o posto de saúde e toda sua equipe que cuida da saúde indígena, as associações que cuidam dos patrimônios das aldeias, dentre outras organizações que fazem parte da comunidade e que trabalham em prol do bem estar e da boa convivência e dos direitos de todos.

3.3 AS NOITES CULTURAIS E OS DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

As noites culturais possuem uma grande importância para a Educação Escolar Indígena, considerando principalmente o ensino e a aprendizagem nas escolas Tupinikim que é específico e diferenciado, pois vemos nas noites culturais um lugar onde se desenvolve diversas manifestações voltadas para os saberes tradicionais do nosso povo, sejam nas rodas de conversas, nas danças tradicionais, nas rodas de tambores, nas exibições de vídeos e documentários, nas brincadeiras, etc. Tudo isso possibilita a interação e a imersão do sujeito neste universo cultural, como forma de fortalecer sua identidade enquanto povo tradicional. Desta forma, na aldeia de Caieiras Velha, em específico, as noites culturais possibilitam aos alunos e professores uma ampliação do conhecimento tradicional, pois têm a oportunidade de participar de todas as ações que são desenvolvidas neste espaço.

É importante ressaltar que nas escolas das aldeias Tupinikim e Guarani do município de Aracruz-ES o currículo escolar está organizado por problemáticas que abordam conteúdo específicos relacionados às vivências e práticas tradicionais do nosso povo, articulados com os saberes ocidentais.

Em sala de aula, quando um professor inicia a abordagem do conteúdo ocidental, os mesmos precisam fazer sentido na vida dos estudantes, tendo esta relação com a cultura do povo e com os conhecimentos tradicionais, equilibrando as diversas ciências, pois não existe um conhecimento melhor do que o outro. Trata-se de uma preparação do indivíduo para os diversos desafios que irão encontrar em sua trajetória de vida, mas principalmente no que se refere ao fortalecimento da sua identidade tradicional enquanto Tupinikim. Acerca deste ponto, o Parecer CNE/CEB nº3/1999 coloca:

Ao longo de sua história, as sociedades indígenas vêm elaborando complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. O resultado são valores, concepções, práticas e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e transmitidos e enriquecidos a cada geração. Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos acervos de informações e reflexões sobre a natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana (BRASIL, 1999, p.3)

É possível aprender com as histórias que são contadas, com os cantos, com as batidas de tambor, com os relatos de experiência, com os alimentos que são servidos. A participação nas noites culturais desperta o lado de ser Tupinikim, é possível observar nos artesanatos a arte milenar do fazer, do confeccionar e criar, fazendo com que as relações interpessoais aconteçam, nos jogos e nas brincadeiras, os diálogos fortalecem a união.



Foto 1 - Uma Noite Cultural de Brincadeiras com crianças e **Foto2**- mesa de frutas na Noite Cultural e; Acervo Jocelino Queizza

Talvez um visitante não-indígena não consiga compreender como esses momentos podem ser trabalhados em um ambiente escolar, mas eles fazem muito sentido, quando, por exemplo, nosso aluno reconhece que existem tempos corretos que foram necessários para a confecção daquele artesanato ou outros objetos.

As músicas cantadas, trazem em suas letras a história e a vivência do povo, a batida do tambor e o som da casaca possibilita a observação e a audição. Podemos ver isso na letra da música Tajibibuia, que nos ensina sobre as matérias-primas de se fazer os tambores e casacas e também sobre o cipó usado para fazer remédio pelo pajé.

Tajibibuia

Tajibibuia é pau pra fazer casaca, siriba ôca é pau pra fazer tambor

Tajibibuia é pau pra fazer casaca, siriba ôca é pau pra fazer tambor

Cipó caboclo é o remédio que o pajé ensinou, eu vou, eu vou

Eu vou tomar remédio que o pajé ensinou.

Eu vou, eu vou, eu vou tomar remédio que o pajé ensinou.

É necessário compreender que existe uma educação para além dos muros da escola e a Noite Cultural Tupinikim é uma extensão, que vem colaborar de forma prática com este processo de ensino e aprendizagem, ela proporciona momentos de lazer, de alegrias, mas também dialoga com a Educação Escolar Indígena.

3.4 A NOITE CULTURAL COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO POLÍTICA COMUNITÁRIA

Hoje, a Noite Cultural Tupinikim traz em uma das suas discussões a organização política, tendo em mente que ela é um espaço onde muitos diálogos acontecem, tanto diálogos internos da comunidade, do município, até mesmo do cenário Nacional que envolve os povos indígenas Tupinikim, pois o que afeta outro povo acaba afetando a nós que somos originários e lutamos pelo direito de todos(as).

Na Noite Cultural, além de aprender os cantos tradicionais, as danças, e as histórias, temos o espaço aberto para dialogar, questionar, compartilhar, tratar tudo que se refere aos nossos direitos e estar sempre por dentro do cenário que estamos vivendo.

Dentre as Noites Culturais que já aconteceram, tivemos uma com o tema: “O grito de resistência contra os retrocessos de direito”, nessa Noite Cultural foi abordado o que o Governo Federal estava fazendo, colocando em votação propostas de leis que comprometem os direitos dos povos indígenas em todo país, criando rupturas na Constituição Federal, fazendo com que viesse acontecer um grande retrocesso na luta do nosso povo. A noite cultural vem proporcionando momentos como esse, onde podemos conhecer um pouco mais das nossas histórias, práticas e culturas, e também o que é de fato os nossos direitos, conscientizando a comunidade a ter um posicionamento mais qualificado acerca dos temas abordados. Neste sentido, as Noites Culturais também atuam como uma instância de formação política comunitária, numa dimensão educadora das bases da aldeia.



Na Noite Cultural aprendemos sobre os nossos direitos e nossos deveres, aprendemos a exercer o nosso papel enquanto indígena, a ter união com todos, saber respeitar o espaço do outro e a ouvir nossos líderes, este de fato tem se constituído um espaço de nos fortalecermos enquanto povos indígenas, pois passamos a conhecer as nossas histórias e reconhecer os nossos direitos.

Quando estamos todos juntos nos sentimos mais fortes, mais unidos para lutar e resistir a qualquer situação, e a Noite Cultural tem nos proporcionado todos esses momentos, ela tem sido um dos meios de nos fortalecer e nos enraizar ainda mais enquanto Povo Tupinikim.



A Noite Cultural é um movimento que visa fortalecer e resgatar a cultura do Povo Tupinikim, onde os protagonistas somos nós indígenas envolvidos nesse movimento, onde as nossas músicas, danças, roda de conversa são um meio de unir a comunidade, que outrora estava dispersa quanto as ações culturais que aconteciam na aldeia, ações essas que muitas vezes eram realizadas nos quintais de algumas casas, sendo núcleos familiares. Eram nesses momentos que as famílias se ajuntavam para cantar e dançar ao som dos tambores e das casacas e ali mesmo

envoltas de uma fogueira compartilhavam histórias de vida, histórias dos antepassados e parte do seu saber cultural. Esses encontros ao longo do tempo foi se enfraquecendo, ao ponto que quase não se via mais dentro da aldeia, tudo isso pelo fato das aldeias Tupinikim estarem imersas na cidade, recebendo todo os tipos de impactos, sendo eles de todos os lados, seja do aperto da sociedade do entorno, das mídias televisivas, das redes sociais, etc. Dona Helena Coutinho narra como era os momentos culturais no passado:

Antes o capitão avisava com tempo, sábado a gente tem uma noite pra gente sambar, ele convidava todo mundo e todo mundo ia para casa do capitão, os casaqueiros os tamboeiros, e da casa dele, a gente ia pra minha casa e passava a noite todo passando de casa em casa e todo mundo participava, cantando, tocando e sambando era uma alegria só, nas casas que passavam ali eles preparavam uma coaba pra gente beber, eles recebiam agente com coisas da nossa cultura mesmo pra gente comer, era coaba, café de cana, e ali agente amanhecia o dia junto com o capitão.

Hoje eu to muito triste, tem hora que eu choro aqui em casa sozinha, lembrando do meu povo que ficava junto com a gente, eu dona Zumira ,dona Edite, dona Nair, dona Preta e juntas caminha com os tamboeiros cantando e sambando, e hoje eu to meia afastada e eu queria que as pessoas me chamassem pra sambar o congo por que a cultura é a mesma, e hoje em dia não está mais como era antigamente, nos dias de São Joao, Santo Antônio ,São Pedro era os dias que a gente se divertia muito, pra nos esses dias era sagrado, e hoje está muito mudado também por causa dessa doença braba (Covid), muitos ficam com medo e meus filhos também não gosta que eu fico saindo, hoje eu quero que esse que estão crescendo na aldeia continue a cultura e que está chegando mais crianças e esses tem que ensinar as crianças pra não esquecer a cultura.

Quando eu sei que tem a Noite Cultural eu vou lá participar, e eu fico muito alegre, com uma alegria muito forte, e pedindo a Deus que ninguém esqueça, e tem muita gente que gosta de participar, e espero que Jocelino continue e se precisar de mim eu estou aqui para ajudar (Entrevista concedida em 5 de julho de 2022).

Dona Helena é um exemplo de mulher Indígena, que sempre esteve de frente das lutas dos direitos e do fortalecimento cultural do nosso povo, em uma das suas falas ela fala da importância de manter a cultura viva, de sempre estar passando para o mais novo para que a cultura nunca venha morrer.

Como já foi citado acima, somos nós os protagonistas desse movimento, as Noites Culturais já estão acontecendo na aldeia por 05 anos, onde observamos que esse projeto tem chamado muito a atenção do nosso povo e até mesmos das pessoas de outras comunidades e da sociedade não indígena, fazendo com que muitos(as) tenham interesse em estar participando destes momentos culturais, alcançando assim o objetivo do projeto, que é fortalecer a cultura ancestral Tupinikim.

Sendo assim, fomos a campo entrevistar algumas pessoas, membros da comunidade de Caieiras Velha, e também de outras comunidades, como: Pau Brasil, Irajá e pessoas da sociedade não indígena, que são bem participativas na Noite Cultural, e pedimos para que esses(as) relatassem um pouco sobre sua experiência, como se sentem, e o que acham do projeto Noite Cultural.

Em uma conversa com a professora Adriana Barbosa, a mesma partilha conosco sua visão sobre as Noites Culturais de antigamente e de hoje. Vejamos:

[...] na verdade se A gente comparar o formato de antes e de hoje, tem formatos diferentes na noite cultural, mas assim, no caso hoje recebe esse nome noite cultural, mas no passado não tinha esse nome, eu vejo mais como momentos culturais, e aí esses momentos aconteciam em diferentes horas, independentes se era dia, tarde ou noite, e aí eu já participei sim, na verdade quando eu era criança e quando eu era adolescente eu sempre tive vontade de participar dos grupos de dança que existiam, grupo kurumim, grupo dos jovens que era os guerreiros, mas eu nunca consegui participar, eu sempre estava ali acompanhado né? junto com o papai né? que ele sempre fez parte do grupo de congo por que ele tocava o tambor, mas eu não conseguia participar e até recentemente eu tive uma dúvida, eu questionei a ele por que que eu não participava, assim ele não soube explicar muito bem, mas pela fala dele eu consegui compreender que na verdade se tratava mais de questão de proteção, porque esses momentos geralmente sempre dava muita gente na aldeia, mas a gente naquela época também recebia muito convite pra sair, então a gente ia pra outra cidade outros bairros e sempre lá tinha bastante gente pra prestigiar, então eu acredito que papai, ele por questão de proteção, ele não deixava eu dançar né? mas eu estava ali sempre do lado dele acompanhando esses momentos, então essa era forma que eu participava em relação a essas questões de dança de congo e eu estava presente do lado dele, mas por outro lado eu vejo que esses momentos culturais não se resumem somente a isso porque o momento cultural é você também tar na sua família, ali naquele momento de alimentação, é você tar ali também participando junto com os protestos, momento de luta, então sempre o papai me levava, eu me lembro muito bem da época quando a gente estava no processo de demarcação e apareceram as polícias e os helicópteros, eu era criança nessa época, então eu na minha visão eu sempre participei e participo até hoje dos momentos culturais, igual inclusive, por exemplo até, o fato da gente ir pro mangue pra pegar uma ostra, pra você ir tomar um banho no Rio, pra você ir pescar, tudo isso são momentos culturais, então assim claro, que hoje em dia esses momentos culturais também acontecem no seu âmbito família. Cada um na sua casa, ali conversando com seus pais com seus avós ouvindo as histórias, então esses momentos culturais do passado que eu tô falando que eu participava eles acontecem até hoje também, só que hoje além da gente ter esse momento familiar, a gente tem agora uma forma mais organizada, que é a Noite Cultural [...] (Entrevista concedida em 03 de maio de 2022).

Observamos no relato da professora Adriana Barbosa como se davam momentos de trocas culturais nos cotidianos das famílias Tupinikim, como a mesma coloca, esses momentos não estavam restritos ao período noturno, como acontece hoje a partir das Noites Culturais. Hoje as Noites Culturais são realizadas no período

noturno por conta dos atravessamentos que nossas comunidades tiveram e têm tido cada vez mais com o mundo do trabalho no sistema capitalista. Muitas famílias da comunidade trabalham no sistema público dentro da aldeia durante o dia e outras trabalham na iniciativa privada fora da aldeia, tendo apenas a noite para a partilha do encontro comunitário de formação política e trocas culturais, salvo casos da Festa do dia do índio, que acontece parte no meio da semana e parte no final de semana, possibilitando a participação de todos da comunidade.

Na entrevista feita com Paulo Tupinikim, liderança de nossa aldeia Caieiras Velha, ele que faz parte do grupo tradicional de congo da comunidade, o mesmo relata:

Eu sempre participei dos momentos culturais da comunidade, seja antes, quando eu ainda era criança, mas eu sempre estive ali participando, das rodas de congo das folias de reis que tinha, que eu penso que é um outro momento que a gente precisa começar a trabalhar pra poder resgatar também esse momento da folia de reis, e hoje eu poder estar participando como um convidado e muitas das vezes como palestrante na noite cultural, pra mim é uma honra muito grande, por que é um momento que eu vivenciei e continuo vivenciando e hoje eu posso falar para os mais jovens, para as crianças, o que foi a cultura Tupinikim no passado e o que é a cultura Tupinikim hoje e o que se espera da cultura Tupinikim para o futuro mais próximo, então pra mim é uma honra muito grande poder receber esse convite, é um privilégio, eu sou um tipo de pessoa que não carrega méritos comigo, porque eu acho que tudo que acontece dentro da comunidade é um mérito de todos, de todos aqueles que participam, todos aqueles que se engajam para aquele momento acontecer, mas a noite cultural pra mim ele é um evento muito importante, e minha participação como palestrante pra mim é motivo de honra (Entrevista concedida em 10 de maio de 2022).

Na fala de Paulo Tupinikim, a gente percebe que as rodas culturais sempre fizeram parte do cotidiano do povo Tupinikim. Um aspecto interessante de partilha de aprendizados em meio à circularidade. Aprender em roda, construir e partilhar cultura e conhecimentos em roda. Paulo ainda nos atenta para outras manifestações culturais que as comunidades precisam resgatar, como a Folia de Reis. É importante esse apontamento do Paulo, bem como é importante trazer para essa reflexão o orgulho dele em ser convidado para estar partilhando seus conhecimentos nas Noites Culturais, isso mostra como as Noites Culturais atuam na valorização das lideranças e dos anciãos da comunidade.

Percebemos que as Noites Culturais têm chamado a atenção não só dos membros da comunidade, mas de muitas pessoas que vem de fora, que valorizam e

respeitam a cultura indígena e sempre estão presentes nas ações que acontecem na aldeia.

Em uma conversa/entrevista com a professora Magda Maria, visitante assídua das Noites Culturais, ela narra sobre sua relação com nosso povo e sua participação nas Noites Culturais:

Eu frequento a aldeia de Caieiras Velha a 31 anos, desde quando eu me mudei para o Bairro Coqueiral, foi quando eu conheci os jovens da aldeia, quando meu filho tinha 1 ano eu já estava com ele lá na festa do dia do índio, mas as noites culturais que foram organizadas a partir do trabalho do professor Jocelino eu participei da primeira, e venho participando constantemente desse momento.

A importância da noite cultural para mim que sempre estive engajada no movimento indígena, sempre estive aí na aldeia, onde fui professora por duas épocas bastante diferentes, ela soma no meu conhecimento, na minha cultura, na reafirmação da cultura do povo de Aracruz, acho que falta um pouco mais de divulgação, e vejo que ela tem muita importância por que ela faz com que a gente lembre certos momentos onde agente busca nossas origens, ela traz uma simbologia muito grande de que o movimento existe, que o povo está presente, está buscando conscientização, reafirmando sempre os seus valores tanto na parte musical, na parte da dança, no reconhecimento dos seus instrumentos, na alimentação, isso é muito importante.

A noite cultural tem fortalecido a participação dos jovens, por que antes sempre eram os mais velhos que estavam de frente e hoje vejo os jovens mais ativos, vejo também o fortalecimento cultural, as rodas de tambor com muita música e dança, as músicas mais antigas sendo cantadas, o contato, o diálogo entre as pessoas isso tudo tem sido resgatado com a noite cultural (Entrevista concedida em 05 de maio de 2022).

Diante da fala da professora Magda Maria, percebemos o quanto ela é engajada e comprometida com as questões culturais do nosso povo, a sua participação no movimento indígena vem acontecendo há 31 anos, ela sempre se esforça para estar presente seja nas Noites Culturais, ou em outros momentos em que estejam acontecendo ações voltadas para nossa cultura, a mesma compreende a importância que se tem de fortalecer a identidade cultural do nosso povo. Percebemos a importância de ter os jovens envolvidos dentro das ações, aprendendo com os mais velhos as nossas tradições. Magda ressalta que é necessário que haja uma divulgação maior das Noites Culturais, para que esse evento possa alcançar mais pessoas.

Analisando as respostas dos entrevistados, é visível que os mesmos entendem que a noite cultural é um espaço de práticas pedagógicas diferenciadas, e que é muito importante que a escola, como um todo, seja participante desses momentos, não só

como telespectadores, mas, como parte integrante desses movimentos. Que as Noites Culturais virem também um local de partilha das escolas com as comunidades.

Vejamos o que a liderança Paulo Tupinikim diz sobre essa relação:

A noite Cultural ela tem toda relação com a Educação Escolar Indígena, por isso seria interessante que a escola tanto da educação infantil, ensino fundamental e médio, elas pudessem ter participação mais efetiva na noite cultural e pudessem também incentivar a participação das crianças, vamos citar um exemplo muito claro, claro que isso depende muito dos pais, por exemplo a dança dos curumins a forma que está sendo esvaziada a dança dos curumins, e isso é ruim por que a falta dos curumins participando desses momentos, isso tendi que eles percam essa prática, essa cultura. Então, eu acho que deveria ter um incentivo por parte da educação e por parte dos pais para que essa crianças pudesse estar participando mais, e é preciso a participação dos próprios professores, por que a gente sente falta de muitos na noite cultural, acho que deveria obrigatório a participação de todos os educadores, e naquele dia, naquela semana que fosse acontecer a noite cultural, o tema na escola, os trabalhos, as disciplinas fossem para a questão cultural Tupinikim, para que no dia da noite cultural fossem apresentados os trabalhos, o que foi feito, uma exposição, alguma coisa nesse sentido, por que a noite cultural ela é também parte da educação escolar indígena (Entrevista concedida em 10 de maio de 2022).

Como podemos ver na fala da Liderança Paulo Tupinikim, o mesmo enfatiza a importância da participação das famílias, e principalmente da escola, dos(a) professores(as) desenvolverem um trabalho que tenha relação com a Noite Cultural. A educadora Adriana Vitoriano, também expõe como ela utiliza as temáticas da Noite Cultural em suas aulas, relatando o quanto é importante esse trabalho:

Quando se fala em educação indígena, ela está muito voltada para os nossos próprios meios de aprendizagem na aldeia, no âmbito familiar, nas conversas dentro de casa com os pais. Em relação à escola ela tem um de trabalho de educação que é específico e diferenciado a gente trabalha os conteúdos do município e os conteúdos que vem proposto pela BNCC, além disso a gente também trabalhar com as problemáticas indígenas que são as problemáticas que são temas geradores, problemas e situações que acontecem dentro da nossa aldeia e que essas situações atuais são trabalhadas dentro da escola fazendo essa relação com os conteúdos da BNCC. Na sala de aula a gente tem que trabalhar partido da nossa cultura e fazer essa relação com o conteúdo, então eu trabalho com os meus alunos a partir da nossa realidade, da nossa cultura e aí com isso eu consigo fazer a relação com a BNCC que é a base nacional comum curricular, ou seja, a educação escolar indígena ela tem essa função de você trazer sua cultura e fazer a relação com aquele conteúdo, porque o conteúdo é aquilo que a gente ensina na escola tem que fazer sentido para a vida do aluno. Eu confesso que no começo quando eu iniciei na sala de aula, as minhas primeiras experiências eu tinha um pouco de dificuldade pra fazer isso, por que dependendo do professor ele vai se preocupar muito só com o livro didático e aí ele acaba se esquecendo também de trabalhar a questão cultural e isso não é característico da educação escolar indígena pelo contrário a gente tem que trabalhar a questão cultural e fazer a relação com conteúdo didático, então nesse sentido a noite cultural ela tem uma importância muito grande, porque ela traz toda nossa cultura

que está ali apresentada, aquilo que o professor ele trabalha em sala de aula, os alunos junto com a sua família que leva as crianças seus filhos adolescentes lá na noite cultural eles vão conseguir vivenciar aquilo que está sendo abordado na sala de aula, por isso que é importante a noite cultural para educação escolar indígena, por que a família ela participando ela vai conhecer as histórias, ela vai aprender sobre a cultura, uma coisa é você ouvir alguém falando outra coisa você participar junto e praticar, assim a noite cultural ela é uma contribuição muito grande porque igual vocês já mencionaram, ele traz uma educação para além dos muros da escola, então o aluno vê na sala de aula e vai vivenciar na prática na noite cultural, lá ele vai ouvir os mais velhos, no nosso dia a dia a gente não tem contato com determinada pessoa, mas quando eu vou participar da noite cultural eles estão lá contando as histórias, contando como que foram os momentos de luta como que foi a demarcação, recentemente nós tivemos o Paulo falando como que foi ATL então esse trabalho em conjunto é muito importante porque a educação não fica só ali presa na escola, e até pra aquele professor que às vezes tem dificuldade lá ele também tá aprendendo ele pode tá participando e depois ele pode levar pra sala de aula, no começo minha experiência na educação escolar indígena eu tive que ir a campo visitar os mais velhos, então se hoje eu sei a influência da lua é por que eu conversei com os mais velhos, levei os alunos para ouvir eles, existe essa relação muito forte da noite cultural com a educação escolar indígena, eu vejo que é importância a escola trabalhar sobre a importância da noite cultural, porque as famílias participam junto com seus filhos com suas crianças mas a gente sabe que também tem muita família que não se envolve, então você percebe como que a noite cultural é importante nós que moramos na aldeia sabemos que nós somos povos indígenas, que precisamos tá envolvido com a nossa cultura, e a noite cultural ela ensina muito sobre a nossa identidade, você participando da noite cultural você aprendendo isso também é uma forma de auto aprendizagem de autoconhecimento de você também conseguir se identificar, quando chegar lá fora você for questionado você conseguir se defender, na noite cultural você vai vivenciar sua identidade você vai conhecer sua história, isso é muito importante porque às vezes a gente não conhece a nossa própria história e a noite cultural tá aí proporcionando a cada 15 dias, então por isso que ela tem uma importância muito grande na educação escolar indígena ela vai além dos muros, a noite cultural é uma das Fontes de descoberta de autoconhecimento só basta a pessoa ir lá e acessar, é livre, e naquele espaço você vai aprender de tudo, só o fato de você tá vivenciando você já tá aprendendo, então isso é também a educação escolar indígena (Entrevista concedida em 10 de maio de 2022).

É importante dizer que essa participação, essa relação, não tem que ser somente com a escola, mas com a comunidade como um todo, até porque a escola está na comunidade e a comunidade precisa estar na escola. As famílias precisam fortalecer isso dentro de suas casas, incentivando a participação das crianças, adolescente e jovens em nossos grupos culturais, pois é na Noite Cultural que podemos vivenciar tudo que aprendemos em nossas casas e na escola, compartilhando conhecimentos e vivências, como relatou a professora Magda Maria na entrevista.

3.5 A NOITE CULTURAL COMO UM LUGAR DE ENCONTRO DE CULTURA

As Noites Culturais também têm produzindo um movimento que tem oportunizado conhecer outros povos de diferentes culturas, cada um com suas histórias e memórias. A Noite Cultural tem proporcionado esses momentos de troca de saberes, de interação e de relação.

Nesse espaço nós já recebemos parentes de outras etnias como o povo Guarani, povo Pataxó, um grupo de tradição italiana do município de Aracruz, os Pomeranos de Santa Maria do Jetibá, onde compartilhamos vivências, mostrando a cultura através da dança, da música e histórias um do outro.

A troca dos saberes, sentar para poder ouvir os parentes, valorizar e respeitar a cultura do outro são processos importantes para nossa formação enquanto povo tradicional, povo esse que entende que a cultura do outro também precisa ser reconhecida e valorizada. Neste sentido, a Noite Cultural possibilita o fortalecimento desses encontros culturais, proporcionando momentos de troca de saber e tradição, sendo uma ponte de encontros interculturais.



Foto 1 – Grupo de descendentes de Italianos do Município de Aracruz

Foto 2 – Grupo de Pomeranos de Santa Maria de Jetibá

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordamos o projeto Noite Cultural Tupinikim, um movimento voltado para o fortalecimento cultural, que se iniciou em nossa aldeia Tupinikim, Caieiras Velha, localizada no município de Aracruz-Es.

Para realização do trabalho fizemos pesquisas sobre a história do nosso povo, passando a conhecer um pouco a trajetória de luta que tiveram que enfrentar, um longo período de opressão, negação de direitos, da liberdade de ser indígena dentro do seu próprio território.

Realizamos pesquisa com participantes ativos nas Noites Culturais, sendo lideranças, professores, jovens e até mesmo visitantes não indígenas, que são bem presentes nas ações dentro da comunidade. Na conversa/entrevista nos propomos saber a visão deles(as) em relação a Noite Cultural, a importância desse movimento para nós enquanto povo e para os visitantes que sempre estão presentes, prestigiando esses momentos.

Sendo assim, observamos e descrevemos as ligações que o movimento da Noite Cultural faz com a comunidade em si, na Educação Escolar Indígena, na Política e até mesmo nos diálogos com outras culturas.

A partir das entrevistas que foram realizadas na comunidade, elas nos apontam a necessidade de se ter uma relação mais forte entre a Noite Cultural, comunidade e as escolas fazendo com que esses espaços tenham uma participação mais ativa, participando não só como membro da comunidade, mas como colaboradores que se envolvem nas atividades realizadas nesses encontros.

Percebemos que a grande maioria dos(as) entrevistados(as) falam que a Noite Cultural tem uma relação muito forte com a Educação Escolar Indígena, uma vez que os trabalhos que as mesmas desenvolvem é com o objetivo de fortalecer a identidade cultural do nosso povo. Assim, acreditamos que é incentivando a participação das escolas nas Noites Culturais, levando para dentro desse espaço os trabalhos relacionados à nossa cultura que foram desenvolvidos em sala de aula, com o intuito de se fazer uma exposição onde os pais e visitantes poderão ter acesso a esses materiais que vamos nos fortalecendo enquanto povo e comunidade. Colocando em prática um dos princípios da Educação Escolar Indígena, que é ser comunitária. Uma sugestão seria que a cada final de trimestre, acontecesse uma Noite Cultural voltada

para Educação Escolar Indígena, onde as escolas junto com os(as) educadores(as), os(as) estudantes e os(as) gestores(as) vão estar de frente desse momento.

Tivemos nossos objetivos alcançados neste trabalho, pois com a pesquisa de campo realizada em nossa comunidade, conseguimos identificar e apontar de que forma a Noite Cultural tem contribuído para esse fortalecimento, manutenção e valorização Cultural do nosso povo.

Para nós, desenvolver esse trabalho foi muito enriquecedor, de uma importância muito grande, pois nos possibilitou conhecer mais sobre nossa história, dando-nos a oportunidade de poder analisar o projeto Noite Cultural Tupinikim, inventariar as ações que acontecem nesse espaço, mostrando suas contribuições para nossa cultura, podendo pontuar sobre os avanços e desafios.

Ressaltamos o quanto foi desafiador realizar esse trabalho, pois a Noite Cultural Tupinikim é um projeto recente, mesmo os encontros culturais sempre aconteceram na aldeia. As Noites Culturais nesse formato mais organizado, com temáticas sendo direcionadas a cada encontro, é novidade. Por esse motivo nos deparamos com a dificuldades de encontrar materiais que nos ajudassem na escrita, referenciais que desse base para o trabalho, no entanto, mesmo assim, não desistimos, pois tínhamos a consciência do quanto este trabalho iria contribuir para nosso conhecimento e que futuramente poderá servir como material de pesquisa para os membros da nossa comunidade.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersen. **O índio Brasileiro: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Letramento; Rio de Janeiro: LACED/museu nacional, novembro de 2006.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; OLIVEIRA, Maria Soares de. Pesquisa Formação, abordagem (auto) biográfica e acompanhamento; (re) constituindo pontes entre universidade e a escola. In.: **Anais do X Congresso Nacional de Educação / I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividades e Educação.** Curitiba: PUC- PR, 2011.

BRASIL, **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 05 de outubro de 1988.

JANUÁRIO, Elias; SILVA; Fernando Selleri. **Cadernos de Educação Escolar Indígena- PROESI.** Barra do Bugres: UNEMAT, V.6, N.1, 2008.

PREZIA, Benedito. Terra à vista: Descobrimento ou invasão? 2. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

QUIEZZA, Jocelino da Silveira. **Políticas de Língua em área Tupinikim: O caso da Aldeia Caieiras Velha, Aracruz-ES.** Dissertação. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, Rio de Janeiro, 2018 Mestrado profissionalizante em Linguística e Línguas Indígenas).

SCHUBERT, Arlete M. Pinheiro. **Lutas territoriais indígenas: Memórias, culturas e educações do povo Tupinikim.** Centro de Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021, (Tese de Doutorado em Educação).

TÁNHE'ENGA. **Noite Cultural Tupinikim: "Um grito de resistência contra os retrocessos de direitos".** Informativo Comunitário, edição nº. 001, agosto 2021.

TEAO, Kalna Mareto. **História dos índios do Espírito Santo/ Kalna Mareto Teao e Klítia Loureiro.** 2 ed.-Vitória, ES: Ed.do Autor, 2010.

APÊNDICE

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Qual sua visão sobre a Noite Cultural?

Relato de Adriana Barbosa:

Eu achei assim, foi uma iniciativa que foi show, mesmo porque até então você tinha esses momentos que é coletivo na comunidade, esses momentos culturais que eu falei mais assim, com o tempo as coisas vão mudando, Claro que esses momentos culturais acontece nesse âmbito familiar, mais a noite cultural em si do jeito que acontece agora ela tem já uma organização, virou uma rotina, e aí todo mundo na aldeia já sabe que vai acontecer esse momento né nem que seja uma vez no mês, assim porque eu lembro que quando começou a proposta era de 15 em 15 dias, só que logo depois veio a pandemia que uma parada, mais assim a noite cultural ela nesse formato ele é muito importante porque as famílias já sabem que vai ter alguma coisa lá na rua, então isso é um formato que serve não só pra questão de resgatar a identidade, mas de fortalecer e de criar relações, e isso é muito importante por que no tempo que a gente vive hoje por exemplo a gente percebe muito jovens e adultos casando com outros não indígenas, que foi o que aconteceu comigo, e aí as noites culturais ela tem também essa função de relacionamento, por que ela fortalece as relações entre indígenas, então o importante foi as noites culturais começou aqui na aldeia de Caieiras e logo depois as outras comunidades também começaram a aderir o projeto e começaram a realizar as noites culturais e eu particularmente até falo com João que eu sou uma pessoa mais caseira, só saio aqui dentro da minha aldeia mesmo, mas se esse projeto já acontecesse há mais tempo provavelmente eu teria contato com outros povos, porque quando surgiu a noite cultural ela começou aqui com a gente, mas logo depois assim outros povos também começaram a participar, eu lembro de uma noite que veio o povo Pataxó, trouxe também os Tupiniquins aqui do município, os Guarani começaram a participar, então foi uma questão de fortalecimento de união não só dentro das comunidades, mas também unir outros povos, e isso também é uma questão de relacionamento, então eu falo com João se eu fosse uma pessoa que saísse, se eu já tivesse contato com outros povos é bem

provável que eu não teria casado com você, acho importante ele saber disso , porque eu conheço a minha cultura, eu sei qual que é as normas as regras que a gente deveria seguir, mas a gente acaba não seguindo, então infelizmente dentro da minha aldeia não tinha pessoas mais pra mim me relacionar, então eu acabei conhecendo uma pessoa de fora né, acabei conhecendo ele, então eu vejo, não que eu tô criticando esses relacionamentos atuais, mas assim eu vejo a noite cultural a importância dela de tal forma que vai além das nossas práticas, ela acaba alcançando a relação entre vários povos, a relação também com os não indígenas, eles começaram também a frequentar as noites culturais, porque no passado quando os não indígenas visitavam a nossa aldeia, era visitas pré agendadas, mas quando se tem um cronograma dentro da comunidade de quando vai acontecer algum evento, aquilo ali passa virar rotina, então as pessoas de fora passa a saber também, então a noite cultura ela é bem divulgada e assim ela alcançou não só os povos Tupiniquim e Guarani do nosso município mas também as outras pessoas de fora então eles começaram também a visitar a nossa aldeia, a conhecer a nossa cultura, por que eu lembro assim muito nítido de escutar de pessoas lá de fora, pessoas que nem sabia que eu era indígena acho que semana que vem vai ter noite cultural vamos lá, eu já ouvi várias falas em relação a isso, então assim nesse formato a noite cultural está sendo muito bom ,está contribuiu bastante não só pra nós, mas acredito que ela alcançou a todos em geral do município de Aracruz, o estado do espirito santo, então nesse novo formata ta sendo muito bom, porque virou rotina agente espera acontecer espera acontecer, e quando não teve no momento de pandemia pra mim que gosto muito de participar foi muito ruim, por que você já tá acostumada a ta ali, por que a noite cultural é um momento de você tá ali conversando, vendo pessoas que de repente você não vê no dia a dia, então você tá ali se relacionando tá aprendendo, então nesse formato tem sido muito bacana.

Relato Visitante Magda:

Eu acho esse formato muito interessante, por que no primeiro momento eram mais as rodas de músicas de dança, hoje o novo formato tem debates, discursões mais voltada para a consciência e a reafirmação da cultura indígena, ela traz um novo momento ,uma perspectiva de engajamento dos jovens, da comunidade para a discussão dos seus problemas, e eu achei muito interessante por que não fica só na música e na dança, mais fica em atos que conscientiza as pessoas da comunidade para o momento que vivem e o futuro que virar

Qual a importância da Noite cultural para você quanto indígena Tupinikim?**Relato de Adriana Barbosa:**

Tem muita importância porque eu sempre tive vontade de participar, e eu não participava, mais ai quando surgiu a noite cultural, eu já estava nessa fase adulta de liberdade, então eu consegui participar ativamente, ela começou em 2017 e eu sempre estava ali junto participando, é muito importante porque você consegue vê muitas coisas na noite cultural, você resgata muitas memórias importante e pode estar ouvindo, cantando, dançando, no ano de 2019 surgiu o grupo das mulheres guerreiras e a noite cultural teve uma influência muito grande para criação desse grupo, então dona Helena ela fez um convite para as mulheres, então ela comentou com Cida que ela começou a se sentir sozinha, as parceiras dela do grupo no congo algumas tinha falecido, outras estava doente, ela cita Preta que estava cuidando dos mais velhos, nisso ela teve essa ideia de chamar as mulheres, que ela sabia que dançaram quando eram jovens, mas que estavam paradas porque casaram, antes não tinha o grupo de mulheres guerreiras, e ela resolveu montar esse grupo, ela pediu as filhas pra sair convidando as outras mulheres e quando o convite chegou até mim nosso Deus eu fiquei muito contente, eu confesso que no começo eu fiquei com muito receio todas nós ficamos com receio, a gente já estava, acima do peso com vergonha de colocar

uma tanga, mas foi muito legal porque uma foi incentivando a outra, e em 2019 a gente se apresentou com mais de 50 mulheres e foi a primeira vez que eu pude participar dançando, chorei muito, a noite cultural trouxe uma importância por que eu tive Liberdade de fazer o que eu sempre tinha vontade.

Relato Paulo Tupinikim:

A noite Cultural ela tem uma importância muito grande principalmente nesse momento em que nós vivemos agora, nessa nova conjuntura em que nós vivemos por que muito se perdeu ao longo do tempo da cultura dos campos da religiosidade, muitas coisas se perderam, e a noite cultural ela tem um papel fundamental que é fazer esse resgate por meio das histórias, por meio das músicas, por meios dos vídeos que são apresentados na noite cultural, então isso tudo vem pra poder fortalecer o que ainda existe e pra resgatar um pouco daquilo que se perdeu, teve uma vez, numa noite cultural que estava Sezenando, Antônio Farinha, Jobinho e alguns componentes do congo que já participa a mais tempo desse cultura do congo, e eles antigamente tinha um negócio na dança de congo que era tipo um desafio de casaca, aonde os casaqueiros entravam na roda um na frente do outro batendo a casaca, rodeava um ao outro, era tipo um desafio, e teve uma noite cultural que teve isso e foi muito legal agente ver aquele momento, coisa que hoje não se vê mais dentro das rodas de congo que é feito aqui na comunidade, então aquele momento foi bastante importante, mostrar o formato que era a batida da casaca e o formato que era a dança naquela ocasião.

Relato visitante Magda:

A importância da noite cultural para mim que sempre estive engajada no movimento indígena, sempre estive ai na aldeia, onde fui professora por duas épocas bastante diferentes, ela soma no meu conhecimento, na minha cultura, na reafirmação da cultura do povo de Aracruz, acho que falta um pouco mais de divulgação ,e vejo que ela tem muita importância por que ela faz com que a gente relembre certos momentos onde agente busca nossas origens, ela traz uma simbologia muito grande

de que o movimento existe, que o povo está presente, está buscando conscientização ,reafirmando sempre os seus valores tanto na parte musical, na parte da dança, no reconhecimento dos seus instrumentos, na alimentação, isso é muito importante .

Qual a relação da Noite Cultural com a Educação Escolar Indígena Diferenciada?

Relato de Adriana Barbosa:

Quando se fala em educação indígena ela está muito voltada pros nossos próprios meios de aprendizagem na aldeia, no âmbito familiar, nas conversas dentro de casa com os pais, em relação à escola ela tem um de trabalho de educação que é específico e diferenciado a gente trabalha os conteúdos do município e os conteúdos que vem proposto pela BNCC, além disso a gente também trabalha com as problemáticas indígenas que são as problemáticas que são temas geradores, problemas e situações que acontecem dentro da nossa aldeia e que essas situações atuais é trabalhado dentro da escola fazendo essa relação com os conteúdos da BNCC, na sala de aula a gente tem que trabalhar partido da nossa cultura e fazer essa relação com o conteúdo, então eu trabalho com os meus alunos a partir da nossa realidade da nossa cultura e aí com isso eu consigo fazer a relação com a BNCC que é a base nacional comum curricular, ou seja, a educação escolar indígena ela tem essa função de você trazer sua cultura e fazer a relação com aquele conteúdo, porque o conteúdo é aquilo que a gente ensina na escola tem que fazer sentido para a vida do aluno, eu confesso que no começo quando eu iniciei na sala de aula, as minhas primeiras experiências eu tinha um pouco de dificuldade pra fazer isso, por que dependendo do professor ele vai se preocupar muito só com o livro didático e aí ele acaba se esquecendo também de trabalhar a questão cultural e isso não é característico da educação escolar indígena pelo contrário a gente tem que trabalhar a questão cultural e fazer a relação com conteúdo didático, então nesse sentido a noite cultural ela tem uma importância muito grande, porque ela traz toda nossa cultura que está ali apresentada, aquilo que o professor ele trabalha em sala de aula, os alunos junto com a sua família que leva as crianças seus filhos adolescentes lá na noite cultural eles vão conseguir vivenciar aquilo que está sendo abordado na sala de aula, por isso que é importante a noite cultural para educação escolar indígena, por

que a família ela participando ela vai conhecer as histórias, ela vai aprender sobre a cultura, uma coisa é você ouvir alguém falando outra coisa você participar junto e praticar, assim a noite cultural ela é uma contribuição muito grande porque igual vocês já mencionaram, ele traz uma educação para além dos muros da escola, então o aluno vê na sala de aula e vai vivenciar na prática na noite cultural, lá ele vai ouvir os mais velhos, no nosso dia a dia a gente não tem contato com determinada pessoa, mas quando eu vou participar da noite cultural eles estão lá contando as histórias, contando como que foram os momentos de luta como que foi a demarcação, recentemente nós tivemos o Paulo falando como que foi APL então esse trabalho em conjunto é muito importante porque a educação não fica só ali presa na escola, e até pra aquele professor que às vezes tem dificuldade lá ele também tá aprendendo ele pode tá participando e depois ele pode levar pra sala de aula, no começo minha experiência na educação escolar indígena eu tive que ir a campo visitar os mais velhos, então se hoje eu sei a influência da lua é por que eu conversei com os mais velhos, levei os alunos para ouvir eles, existe essa relação muito forte da noite cultural com a educação escolar indígena, eu vejo que é importância a escola trabalhar sobre a importância da noite cultural, porque as famílias participam junto com seus filhos com suas crianças mas a gente sabe que também tem muita família que não se envolve, então você percebe como que a noite cultural é importante nós que moramos na aldeia sabemos que nós somos povos indígenas, que precisamos tá envolvido com a nossa cultura, e a noite cultural ela ensina muito sobre a nossa identidade, você participando da noite cultural você aprendendo isso também é uma forma de auto aprendizagem de autoconhecimento de você também conseguir se identificar, quando chegar lá fora você for questionado você conseguir se defender, na noite cultural você vai vivenciar sua identidade você vai conhecer sua história, isso é muito importante porque às vezes a gente não conhece a nossa própria história e a noite cultural tá aí proporcionando a cada 15 dias, então por isso que ela tem uma importância muito grande na educação escolar indígena ela vai além dos muros, a noite cultural é uma das Fontes de descoberta de autoconhecimento só basta a pessoa ir lá e acessar, é livre, e naquele espaço você vai aprender de tudo, só o fato de você tá vivenciando você já tá aprendendo, então isso é também a educação escolar indígena.

Relato Paulo Tupinikim:

A noite Cultural ela tem toda relação com a Educação Escolar Indígena, por isso seria interessante que a escola tanto da educação infantil, ensino fundamental e médio, elas pudessem ter participação mais efetiva na noite cultural e pudessem também incentivar a participação das crianças, vamos citar um exemplo muito claro, claro que isso depende muito dos pais, por exemplo a dança dos curumins a forma que está sendo esvaziada a dança dos curumins, e isso é ruim por que a falta dos curumins participando desses momentos, isso tendi que eles percam essa pratica essa cultura, então eu acho que deveria ter um incentivo por parte da educação e por parte dos pais para que essa crianças pudesse estar participando mais, e é preciso a participação dos próprios professores, por que a gente sente falta de muitos na noite cultural, acho que deveria obrigatório a participação de todos os educadores, e naquele dia, naquela semana que fosse acontecer a noite cultural, o tema na escola, os trabalhos, as disciplinas fossem para a questão cultural Tupinikim , para que no dia da noite cultural fossem apresentados os trabalhos, o que foi feito, uma exposição, alguma coisa nesse sentido, por que a noite cultural ela é também parte da educação escolar indígena

Relato Visitante Magda:

A noite cultural tem tudo a ver com a educação escolar indígena, por que na escola os professores ensinam sobre a cultura do seu povo, conta as histórias, fazem pesquisas, vão visitar o mais velho e na noite cultural os alunos tem o privilégio de vivenciar tudo aquele que aprenderam na sala de aula.

Quais aspectos da cultura têm sido fortalecidos com a Noite Cultural?

Relato de Adriana Barbosa:

Uma coisa que eu percebi que tem sido fortalecido com as noites culturais são as histórias as memórias, as músicas de congo mais antigas, a questão da sustentabilidade da aldeia, muitas pessoas estão confeccionando colares, brincos, tanga, bustiê e isso tem se tornado uma fonte de renda pra essas famílias, percebo as famílias mais ativas em relação a cultura, e tudo que é apresentado na noite cultural tem um peso muito grande nesse fortalecimento que nosso povo tem buscado.

Relato Paulo Tupinikim:

Os aspectos da cultura que se fortalece com a noite cultural são as danças de congo que a gente precisa manter, as rodadas de congo, músicas que a gente precisa manter e criar outras, e com isso também o resgate da língua tupi dentro da noite cultural por meio das músicas de congo e uma outra questão que é bem fortalecido e a interação entre pessoas, essa inteiração que se perdeu com o avanço da tecnologia, com a chegada das redes sociais, essa participação se perdeu ao longo do tempo com o avanço tecnológico, e a noite cultural ela veio para poder resgatar isso, essa aproximação, essa vontade de estar juntos, próximo um do outro conversando, debatendo algumas questões, então a noite cultural ela vem pra fortalecer isso também.

Relato Visitante Magda:

A noite cultural tem fortalecido a participação dos jovens, por que antes sempre eram os mais velhos que estavam de frente e hoje vejo os jovens mais ativo, vejo também o fortalecimento cultural, as rodas de tambor com muita música e dança, as músicas mais antigas sendo cantadas, o contato, o diálogo entre as pessoas isso tudo tem sido resgatado com a noite cultural.

Relato Helena Coutinho

Antes o capitão avisava com tempo, sábado agente tem uma noite pra gente sambar, ele convidava todo mundo e todo mundo ia para casa do capitão, os casaqueiros os tamboeiros, e da casa dele, a gente ia pra minha casa e passava a noite todo passando de casa em casa e todo mundo participava, cantando, tocando e sambando era uma alegria só, nas casas que passavam ali eles preparavam uma coaba pra gente beber, eles recebiam agente com coisas da nossa cultura mesmo pra gente comer, era coaba, café de cana, e ali agente amanhecia o dia junto com o capitão. Hoje eu to muito triste, tem hora que eu choro aqui em casa sozinha, lembrando do meu povo que ficava junto com a gente, eu dona Zumira, dona Edite, dona Nair, dona Preta e juntas caminha com os tamboeiros cantando e sambando, e hoje eu to meia afastada e eu queria que as pessoas me chamassem pra sambar o congo por que a cultura é a mesma, e hoje em dia não está mais como era antigamente, nos dias de São Joao, Santo Antônio, São Pedro era os dias que agente

se divertia muito, pra nos esses dias era sagrado, e hoje está muito mudado também por causa dessa doença braba (Covid), muitos ficam com medo e meus filhos também não gosta que eu fico saindo, hoje eu quero que esse que estão crescendo na aldeia continue a cultura e que está chegando mais crianças e esses tem que ensinar as crianças pra não esquecer a cultura. Quando eu sei que tem a Noite Cultural eu vou lá participar, e eu fico muito alegre, com uma alegria muito forte, e pedindo a Deus que ninguém esqueça, e tem muita gente que gosta de participar, e espero que Jocelino continue e se precisar de mim eu estou aqui para ajudar.